ANNO XXVI — N.º 47
Rio, 19 de Novembro de 1932
PREÇO: 1$000
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO
FON
FON
MC
932

UMA HISTORIA

TODOS estranharam a minha attitude, doutor. Todos. Eu era um rapaz levado. Brincava a valer. Tinha vinte e dois annos e vivia como um menino de 16. Só dava um pulo em casa pelas férias. Para vêr meu pae, abraçar minha mãe e rever minhas irmãs, que eram duas. Joaninha, a mais velha. Zizinha, a mais moça. Esta, um diabo em figura de gente. E quando voltava, era a vida de sempre. Farras. Todas as noites. Com *wisky* quando a mesada era gorda. E emquanto havia dinheiro. Beijar a Lizette, uma francezinha que eu conheci num baile do Assyrio. Tocar violão defronte da casa da namorada. Romantismo, doutor. E nas manifestações, nos bailes, eu era sempre o preferido. Não havia festa a que eu não comparecesse. Podia chover pedra. Mas eu lá estava.

"— Você é uma figura indispensavel, Mario — ironizava o Alcides, um quartannista, que tinha uma cicatriz no rosto.

"Não sei si era ironia. Ou para me agradar. Mas o facto é que eu ia mesmo. E de vez em quando uma cartinha de papae perguntando como eu ia de estudos. "Vou bem, muito bem. Estou um pouco enfraquecido, tal o esforço que tenho feito para recompensar o seu sacrificio, meu pae" — respondi-lhe eu. Pretexto para um presente de minha mãe. Só em outubro é que eu estudava de facto. Debruçava-me sobre os livros. Até alta madrugada. Devorando folhas. Com a vontade de quem quer saber. Talvez fosse essa a causa do meu mal, hein, doutor? Afóra isso, era o mesmo itinerario. A mesma vida. Vida de estudante. Farrear e atirar graçolas ás mulheres bonitas que passavam...

"Agora quero lhe contar o que eu vinha guardando, para dizer ao doutor só na hora de minha morte. Não é uma confissão, doutor. E' um desabafo, que si eu não contar, enlouqueço. O senhor quer vêr? Faça o favor, sim. Apanhe aquella carta que está sobre aquella mesa. Essa não. A outra. Essa sim, senhor. E' de minha mãe. Escreveu-me — coitada — dois annos antes de morrer. Atirando-me de longe, do meu saudoso Pernambuco, a sua santa bençam. Como era boa a minha mãe! Ouça, agora, doutor: "A nossa situação é de angustia. Seu pae foi hontem assassinado pelo feitor da fazenda do coronel Lonzada. Joaninha está tuberculosa. E a Zizinha fugiu com o noivo. Não sabemos para onde ella foi. Adeus, Mario! Abençôo-te!" O senhor comprehendeu? Ora si comprehendeu! O doutor é um moço intelligente. Formado. Tem portanto, preparo sufficiente para comprehender tudo. Mas eu vou repetir. Quero dizer-lhe tudo, direitinho, como se passou. Desde que meu pae foi assassinado, nunca mais escrevi á minha mãe. E, depois de sua morte, nunca mais procurei ter noticias de minhas irmãs. Fui ingrato. Muito ingrato, não resta duvida. Cursei o quarto anno na Faculdade de Medicina. Mas, o doutor sabe. Encontrei sérias difficuldades para concluir o curso, sem a mesada que me mandava o velho. Resolvi, então, abandonar os estudos. Muitos empregos arranjei; porém, todos deixei em menos de duas semanas. Eu, que nunca consegui saber o que era trabalho, me vi um dia dentro do Rio de Janeiro, sem um tostão para attender ás exigencias do estomago. Com fome e sem trabalho, resolvi, certa noite, procurar a Lizette, minha tentação de cabellos fulvos. Contei-lhe toda a minha desventura, e ella teve pena de mim. Deu-me o dinheiro que pedi e todo o que de eu necessitei nos momentos mais criticos de minha vida. Entretanto, um dia, por questões de ciume, eu a maltratei. Lizette odiou-me. Não tive remedio sinão deixal-a. Abandonei-a. Ella continuou, como dantes, a sua vida de mulher livre e insinuante. E eu tentei novas aventuras.

"Na noite em que deixei a casa de Lizette, fui á rua Saint-Clair. Quando eu passava ali, pela praça da Bandeira, um timbre de voz canalha feriu os meus ouvidos. Umas palavras cuspidas a esmo, que eu comprehendi logo...

— "Vem meu amor...

"Aquelle convite pôz o meu cerebro em alvoroço, doutor. Porque a voz não me era estranha. Olhei para um lado. Olhei para outro e não vi ninguem. Sómente, no rectangulo de uma janella, uma mulher me chamava. Sorri. E continuei o meu caminho. Mais adeante, numa esquina da rua, parei. Aquella mulher me impressionou, doutor. Não resisti. Antes tivesse continuado a andar. Mil vezes. Voltei. A mulher cobriu-me de beijos. Fui seu companheiro aquella noite. Quando o dia pôz uma restea de luz no céo, resolvi deixál-a.

"Ella então, pediu-me que ouvisse a sua historia. Historia sincera como a sua desgraça. Desgraçada como a sua sorte. E desde aquella noite a tosse augmentou. O mal cresceu dentro do meu peito. Porque eu tenho chorado todas as noites. Com o remorso atravessado no coração..."

— Por que, Mario?

— Porque a mulher era a Zizinha...

— Zizinha, Mario?

— Sim, Zizinha, doutor; a minha pobre irmã...

EDWALDO CALMON

OLVIDA, CORAÇÃO!

Sombras, nuvens do passado,
Lembranças que vêm á mente!
Coração enamorado,
Não lamentes o passado,
Vive a vida do presente!

Lembranças de outras eras,
Em que sonhava fruir
Duradouras primaveras!
Coração! Deixa fugir
A lembrança de outras eras,
Vive a vida do porvir!

Bate feliz e contente
Para a vida do presente.

Coração! Que o teu passado,
Seja de vez olvidado,
Seja qual nuvem que passa,
No céu, desfeita em fumaça!

SYLVIO LEVEL MOREAUX

EXAME DE CONSCIENCIA

LUIS (*andando nervosamente de um lado para o outro*). — O caso é que... Não: porque bem pensado... De quem é a culpa?... Della!... Unicamente della!... Ah, as mulheres!... Bôas hypocritas é que são!... Conquistam-nos, attrahem-nos, envolvem-nos, fazem-nos commetter mil disparates e depois: "Pobrezinha de mim, que me enganaste!.. Como sou desgraçada!... (*Accende um cigarro e se senta*). Mas examinemos tranquillamente o assumpto... Porque o alterar-se só serve para a gente perder a pouca intelligencia que tem... Eu gostei de Helena?... Sim: muitissimo... Helena gostou de mim?... Muitissimo tambem!... Então... Bem: não falemos no passado, mas no *presente*, que é o que interessa... Continuamos querendo-nos?... Porque o amor, ai!, se perde, se dissipa, se esfuma, depois de... Bem, bem: não aprofundemos. (*Levanta-se*). Apesar dos *pesares*, creio que ainda a quero um pouco... Vamos, Luis, sê sincero alguma vez em tua vida. Um pouco!... Digamos *um muito*.... Acaso posso viver sem ella?... O terrivel costume que nos amarra, que nos liga, que nos torna senhor de nós... Para onde iria ao sahir do escriptorio?... Para qualquer parte!... Sim, senhor: é isso... Mas o que occorre é que nessa *qualquer parte* me aborreço soberanamente, sentindo falta della... Sim: não tenho outro remedio sinão confessál-o, aqui, sozinho, sem que ninguem me ouça... E si sinto falta della, si longe della nada me distráe então... então... Não é que a queira muito, mas muitissimo!... Muitissimo! (*Começa a passear mais nervosamente que antes*). Que complicações tem este assumpto sem importancia!... Porque visto assim, de fóra, a solução é facilima... Não tornarei a ver Helena!... Muito bem... Já tirei um peso de cima de mim. Mas... *o outro*?... Porque é preciso leval-o em conta... Ai, ai, ai!... Não sei quem disse que o

O CUMULO DA HONESTIDADE. — Não quero enganal-a, senhorita. Já não sou um homem joven.

De Fanfreluche

Amor tem máos principios e peores fins... Muito razoavel!... Esse homem era um sábio... Peores fins!... E este não póde ser mais desastroso. Mas, vamos ver, Luis de meus peccados... Quem te mandou metter-te em profundezas?... Tu dizes que a culpa é della, mas... por que não te atreves a atirar a primeira pedra?... (*Senta-se*). Uff!... E' para a gente enlouquecer!... Digamos que a culpa seja dos dois: assim supportaremos menos peso... Mas fica em pé o problema das reparações!... E não ha outra sahida: ou abandono ou me caso... (*Accende outro cigarro*). Casar-me!... Que horror!... Arrepiam-se-me os cabellos... O casamento é o pae de todos os vicios!... Começa-se pela mentira e termina-se... pelo homicidio!... E'... a sociedade de dois em companhia!... A poesia da seriedade, as *delicias* do regresso ao lar depois do trabalho, a *abnegada* esposa, os filhos... Hum!... Os filhos!... Talvez isso, talvez... São as *circumstancias attenuantes*. Porque, para que queres enganar-te, Luis?... Não te envergonhes de dizel-o... E' claro que não me envergonho!... Si gosto dos alheios... por que não vou gostar dos meus?... (*Enternecendo-se*). Um anjo loiro, com olhos azues, que me chame de *papá*... Papá!... E que me torne louco com seus beijos, e sua conversa, e suas perguntas... Outro eu!... Tornar a viver nelle minha infancia, com suas surpresas, suas admirações, suas curiosidades... Dar-lhe o que eu não tive, evitar-lhe o soffrimento, definir entre seus balbuceios o que será mais tarde... Sentir suas mãozinhas em minha fronte, adormecel-o em meus braços... Que delicia!... E eu pensava renunciar a tudo isso?... Estava louco ou cego!... Um menino!... Um menino!... (*Enxugando os olhos com o lenço*). Diabo de cigarro!... Que fumo!... Pois não me está fazendo chorar?...

A inquilina. — Este tecto está em tão más condições, que a chuva cae sobre minha cabeça. Quanto tempo irá durar isto?

O proprietario. — Como quer a senhora que eu o saiba? Não sou Propheta.

GRÉCIA

Da treva universal da barbaria
A Grécia levantou-se sobranceira:
Athênas quiz das sciencias a carreira,
Esparta fez soldados á porfia.

Mas, audaz, outro povo além surgia:
A aguia romana — impávida guerreira,
Vence e domina, em luta aventureira,
Jupiter, Venus, Thêmis e Talia.

Roma, ao erguer-se, derribára a Grécia,
Mas nem por isso patria de Lucrecia
Pôude empanar-lhe toda inteira a gloria:

Lacio brilhou por um momento, apenas,
E' para Roma ser maior que Athênas
Era mistér que não houvesse a historia.

Florianopolis

FRANCISCO TH. ALVES

JOSE' MAIA (Amazonas) — Caro senhor. E' com muito prazer que publico, na integra, a sua carta amavel e expontanea.

Vejamos o que me escreve o sr.:

"Snr. Bastos Portela. Saudações. Os que lêem "Fon-Fon", acabam — como faço agora — engrossando a avalanche de correspondencia ao snr. dirigida. E' imperioso. Para provocar resposta pelo "Saibam todos....", ou para, de qualquer modo, manifestar a' sympathia que irradia seu espirito erudito.

Antes do mais, começam por o descobrir atravez o pseudo Yves. A seguir, o desejo de lhe vêr a photographia. Depois, (o mais grave) o ataque por um ou todos sem tormentos: *graphologia*, prosa ou poesia.

Nada produzindo em lêtras, não pertenço a este numero. Leio tão somente. E um innegavel prazêr do espirito.... e mais commodo. Leio de quando em vez "Uma "garçonne" carioca". Observo que seu trabalho foi lapidado com esmero. Preparado para enfrentar a critica, que avalio quanto severa. Estylo "raffiné" de escriptor elegante. Gostei de verdade.

Para terminar: queira aproveitar, francamente, os prestimos que no longinquo Amazonas possa offerecer o admirador — *José Maia.*"

Para o sr., só tenho uma expressão de agradecimento: obrigado. Muito obrigado.

FELIPPE AUGUSTO (Capital) — Olá, caro escriptor! A sua carta é digna de attenção. Nella, porém, o sr. expende conceitos que não me parecem muito certos.

Façamos uma analyse do seu texto:

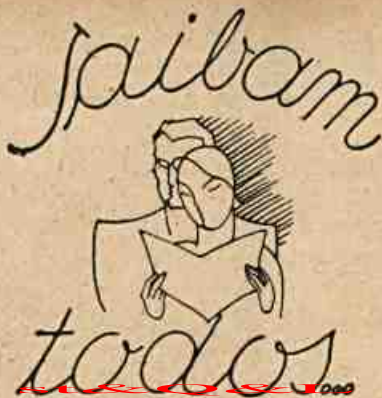
"Yves! Agradeço-lhe a delicadeza da resposta que me dirige pelo S. T. Já que, segundo diz, a minha croniqueta não está má de todo, vou inserila entre outras cuja coletanea pretendo publicar até Janeiro proximo.

Quanto a ser minha cronica inverosimil, acho que se engana.

Eu tenho conhecido muitas dezenas de mulheres e posso afirmar que em quasi cada uma ha um segredo a desvendar, uma tragedia a aclarar.

O homem, em geral, não procura compreender essas mulheres. E' apenas o animal sedento. Por isso, os soffrimentos dela passam despercebidos. Mas nem por isso são menores.

Na maioria essas "borboletas" são umas incompreendidas. Quantas e quantas escondem sob um descaramento aparente um coração bom, capaz dos maiores sacrificios.

Não, Yves, minha cronica não é inverosimel. Você assim a julgou porque ainda não viveu bastante. Mas, está enganado, creia-me.

Conntinuando a abusar da sua bondade, envio-lhe mais uma cronica. Talvez, esta, sem duvida mais ingenua, alcance a honra de ser publicada nas paginas de "Fon-Fon".

E o seu proximo livro? Pode estar certo de que o successo será estrondoso. Hoje mesmo recebi do Sul uma carta dum amigo ao qual eu havia enviado "Uma "garçonne" carioca". E que de encomios ele lhe tece! Chega até a pedir-me seu endereço para escrever-lhe testemunhando a sua admiração (delle).

E como esta, quantas outras conquistas literarias devidas á sua pena! Não se condene a um ostracismo literario e vase em mais um livro suas idéas de poeta, filosofo, literato e de homem.

Antecipadamente agradeço a sua benevolencia no julgar meu modesto trabalho."

Felipe Augusto.

Muito bem, sr. ...

E' muito agradavel o que o sr. me diz, relativamente á minha obscura personalidade literaria. Eu lhe sou extremamente grato pelo juizo que fórma a meu respeito.

Quanto ao seu ponto de vista referente á mulher, eu creio que é o sr. quem está enganado.

Na literatura, as mulheres são umas; na vida real, são outras muito differentes.

Em ambos os casos, porém, a nossa psychologia é falha. Nenhum escriptor será capaz de definir, com precisão e segurança a alma feminina.

Segredos, na sua alma? ...

Estou com Oscar Wilde: — ellas todas são esphinges sem segredo.

Fique o sr. convencido de uma coisa: toda psychologia feminina se resume apenas em uma palavra: capricho.

E' por capricho que a mulher ama ou deixa de amar; é por capricho que ella é feliz ou infeliz.

O masi é fantasia literaria.

As mulheres não são comprehendidas, nem incomprehendidas. São ellas que se deixam comprehender ou não.

Quando querem, basta apenas um sorriso. Quando não querem... tambem se fazem comprehender "á merveille"....

Nós homens, bôbos eternos, é que espomos as nossas energias mentaes em tornál-as difficeis, complicadas e, não raro, victimas de males que não lhes fazemos, mas que ellas proprias nos causam...

A sua fantasia está um pouco fraca, quanto ao fundo. Em todo caso, irei publicál-a.

RAUL FORAIN (Capital) — O sr. deseja ser nosso collaborador.... E pretende começar com um soneto.... Mas, o diabo é que o poderá ser excellente collaborador; o que é mau é o soneto.

Uma prova?

Vou dál-a um pouco mais abaixo:

"Senhor "Yves". Antecipadamente agradeço a atenção que fôr possivel dedicar ao sonêto junto, seja qual fôr o destino que a critica do correspondente de "Saibam todos" lhe dér.

Do leitôr e para o futuro, talvez, colaborador — *Raul Forain.*"

"MEU MUNDO INTERIOR"

Eu tenho dentro d'alma um mundo [do pequenino
Que eu fiz para mim mesmo e [para mim sómente.

A inveja não lhe turva o bójo cris- [talino,
Desconhece a calumnia que atrai- [çôa a gente.

Meu mundo interior pequeno e [diferente
Que eu tenho dentro d'alma, ha [muito que destino
A servir-me de exilio, quando mais [discrente
Eu me sinto da vida onde tudo é [cretino.

— Oh doida pretensão! eremita da [dôr
Que sendo creatura aspira a crea- dôr!

....

O erro é universal! — e talvez sem [remedio!

....

Si não tornas, agóra, a vir errar [tambem,
Serás, nesse teu mundo onde não [vê ninguem
Condemnado a morrer de solidão [e tedio.

Raul Forain

BENEDICTO DE OLIVEIRA LIMA (Pernambuco) — Aqui está uma carta do sr. Vem de Pernambuco, a minha terra gloriosa...

E vae dahi... Mas não! Vale a pena interromper o fio da palestra, para commentar a sua missiva. Sahiata...

Lá vae:

"Amigo e senhor: Nesta data remetto a V. Sa. um conto de minha lavra intitulado de "Alma morta da cabocla" e uma poesia sob a pegraphe de "A beira do rio", cujos trabalhos ao serem publicados rogo-vos o especial obsequio de enviar-me um exemplar da revista "Fon-Fon" em que forem insertos os referidos trabalhos.

Collaboração: Caso vos agrade meus escriptos, estou prompto á enviar melhores Poesias por 10$, e mais fortes e interessantes "contos" á 20$. O que pode-se bem dizer, que é canja no "assumpto".

Sem outro motivo a tratar na presente, aguardo a vossa estima resposta para: Benedicto d'Oliveira Lima, Uzina Estrellianna, Ribeirão — Pernambuco, e firmo-me inteiramento grato.

Amigo, Obgro. *Benedicto de Oliveira Lima.*

P. S. — Em vez da uma, mando duas poesias e o conto mandarei opportunamente."

Como se vê, em tudo isso ha, apenas, uma singularidade que me enche de gozo: é o sr. ser meu conterraneo.

E sabe por que? Por isto, simplesmente: acho que a nossa terra está no dever de immortalizál-o, de algum modo.

Em vida, os intellectuaes pernambucanos poderiam erguer-lhe uma estatua de... "batatas..." Morto, o sr. poderia ser empalhado, e exposto no Museu Historico Pernambucano.

Sim, meu caro, o sr. é uma raridade que só apparece num seculo uma vez.

A gente diz, por exemplo: Pericles, o seculo de Pericles; Napoleão Bonaparte, o genio guerreiro; Homero, Dante, Camões, etc., etc. Futuramente, os seus admiradores, poderiam dizer, ao contemplál-o empalhado ou ao ver a sua estatua: Benedicto, o genio das "batatas"...

Francamente, poeta. O sr. é um homem que enche todo um seculo com o "vasio" do seu cerebro e a "pobreza" do seu espirito...

Ha dez annos dizia o "Saibam todos..." Pois creia que ainda não me appareceu um cavalheiro que se comparasse ao senhor.

Considero-o um homem insuperavel.

Passando desses elogios ao lado pratico das coisas — que é o dinheiro — direi apenas o seguinte: não nos é possivel pagar-lhe os 10$000 pelas suas poesias, nem os 20$000 pelos contos, por uma razão muito simples:

1.º — O sr. é homem notavel; merece toda a nossa consideração. Quer isso dizer que os seus trabalhos exigem "cestas" de luxo, acolchoadas de setim, perfumadas a Caron, etc. e tal;

2.º — Cada uma dessas "cestas" custa mais de 20$000 e, assim, a sua collaboração se tornaria onerosa ao "Fon-Fon"...

Propomos ao sr. deixar uma coisa pela outra...

Para começar, vae aqui o seu soneto:

OLHOS INGRATOS

Olhos castanhos, vivinhos e li- [geiros
Olhos que matam, olhos pene- [trantes
Olhos que me olharam de dis- [tantes
Olhos traiçoeiros, castanhos e bre- [geiros...

Olhos que cantei-os em minha lyra
Olhos voluptuosos e cheios de [ardor
Olhos pelos quaes ainda suspira
A lyra desosnante do "pintor"!

Olhos profundos, olhos mysterio- [sos
Olhos que são de predilecta côr
Chimericos, enganadores e vapo- [rosos

Que atiraram os meus em inten- [sa dôr
Olhos fingidos... fingidos d'amo- [rosos
Olhos ingratos... ingratos dai-me [amor!...

de Benedicto Lima.

Gostou? Amanhã terá mais...

MARIA AMANDA (Capital). — Seu trabalho não está mau. Póde-se dizer que está bem feito. Falta-lhe, porém, um quê, algo de precioso, no caso. Sem isso, não poderá ser uma escriptora.

Creia na minha bôa vontade.

COLOMBINA (Capital) — O caso de que trata na sua missiva, rodeando-o de considerações poeticas, deve ser submettido a uma experimentação. Tudo depende, creio eu, dos agentes a serem empregados nas reacções.

O resto só pessoalmente.

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136
FON - FON — 19 - 11 - 932

Data da consulta............

Nome do consulente............

....

O BOATO

DESDE mocinho, venho mantendo relações de amizade com o sr. Job Belchior, um brasileiro octogenario, porém ainda bastante forte de corpo e de espirito, intelligencia lúcida e solidamente culta, nascido e residente em vetusta mas confortavel vivenda situada em um dos mais pittorescos pontos da Gavea.

Sabendo-o um profundo e estudioso archeologo, procurei-o, na ansia de obter dados seguros sobre a genealogia e a vida de um cidadão que todos conhecem e, voluntariamente ou não, apreciam e com elle conversam, o qual acaba de ser assáz cortejado, durante o doloroso periodo da luta fratricida que acaba de ensanguentar o solo rico e fecundo do nosso querido Brasil.

Recebido com o habitual agrado, fil-o sciente do meu proposito objectivo, pelo que fui logo conduzido á bibliotheca. De uma das repletas e ordenadas estantes desse precioso laboratorio historico, retirou meu venerando amigo uns pergaminhos algo amarellecidos.

Depondo sobre uma mesa essas folhas de papyro, já bordadas pela traça, expôz, aos meus olhos avidos, caractéres manuscripots, para mim indecifravel hieroglyphos, e succintamente, me informou que toda aquella livraria representava um legado de familia, que, ha seculos, vem passando de geração a geração.

— Tome as suas notas, amigo, sobre a biographia do tal cidadão ultra-popular.

E, fornecendo-me um bloco de papel e um lapis, começou elle a dictar com uma facilidade que muito me surprehendeu.

"Quanto ao logar e á era do nascimento do filho do Ocio e da Mentira nada consta. Estes habitavam o planeta Mercurio, sendo que o Ocio sempre foi figura apagada, e inconsciente titere nas minimas mãos da Mentira, que esta sempre dispoz de apurada intelligencia e polyforme cultura, imperando, desde as priscas eras sobre noventa centesimas partes da humanidade, accrescendo a circumstancia de serem ambos polyglottas; polyglotta não define bem, porque manejam qualquer idioma, havendo sabios que avançam em dizer que ambos falam tambem aos irracionaes.

"De indole incoherente e geralmente inclinada para o mal e dotada de perspicacia penetrante, Deus, para castigo dos homens, ainda concedeu á Mentira dotes especiaes como os da ubiquidade e da invisibilidade, permittindo-lhe tambem o uso da fórma humana.

"Acerrimos inimigos do Trabalho, viviam o Ocio e a Mentira nababescamente, tal a admiração e a consideração que lhes votavam os mercurianos.

"Os multiplos predicados moraes fizeram reciproco o amor nos dois corações gêmeos, amor que teve como epilogo a união em nome dos sagrados principios do Interesse que, naquelles longinquos tempos, já presidia aos destinos de todos os entes, tendo, desse contubernio, vindo ao mundo um fructo digno dos seus progenitores, o reflexo vivo de todos os sentimentos de sua mãe. Tanto ou mais que ella irrequieto, seu desenvolvimento foi igualmente assombroso, tudo nelle de uma precocidade indizivel, podendo-se dizer, electrica.

"Deus, que, em sua alta sabedoria, creára os paes e lhes deferira o direito á immortalidade, não contente com o transmittir ao filho, integralmente, a tara pa-

De Teixeira Campos

terna, aprimorando o poder da politica, da dissimulação, do cynismo, que tanta superioridade dá á Mentira sobre o Ocio, outorgou ainda ao filho graças inexcediveis jamais concedidas a outrem. Muito mais attrahente, muito mais communicativo que seus paes, e tanto que basta ouvil-o, para que logo se fique empolgado pela sua irresistivel suggestão, não havendo ninguem que resista aos innumeros e variados ardis de sua subtil astucia, de sua estudada seriedade. Perspicaz e dissimulado, muito mais que a Mentira, e sempre com ar severo, não respeitando mesmo a inseparavel companhia da sua desvelada mãe, faz cabedal de vida e morte de se intitular filho do Criterio e da Verdade, e o diz impunemente porque na alma humana lê a completa ignorancia de sua origem e de suas finalidades, e, desfarte, vem elle se divertindo com a estulta velleidade de querer o homem ser um ente superior.

"Constituido por incontaveis atomos infinitesimaes, que têm a propriedade de tornal-o invisivel e intangivel, atomos que, com muito maior e mais rapida proliferação que os do almiscar, na razão directa em que se vão diffundindo vão augmentando, em um apice, seu valor quantitativo e variavel, e, por isso, é elle trefego e dispõe de uma mobilidade célere, sui generis, e de um mysterioso metamorphismo.

"E' elle bem o symbolo do contraste, e isso é verificado pelos varios e multiplos papeis que concomitantemente desempenha sendo phantastica a facilidade com que elle nos apresenta aqui disfarçado de Arlequim, e alli, ao mesmo tempo, transmutado em personagem de tragedia. Embora creação sobrenatural, é, no emtanto, franco sectario da philosophia naturalista, e tão sincero é o seu pantheismo, que não mais abandonou as bellas plagas brasileiras. E' que ficou captivo da opulencia da natureza sem igual da terra do Cruzeiro do Sul e ainda muito mais pelo dever de gratidão á particular bôa fé da nossa hospitaleira gente."

Proseguindo na leitura dos hieroglyphos, disse o nosso ancião, a cuja paciente bondade devemos tão preciosos informes sobre a personalidade de quem ora nos occupamos, ter começado a agir na Terra logo que Deus creou Adão, promettendo-lhe a felicidade com a sua companheira. Esta foi a sua estréa, seguida do ludibrio do pomo da Sabedoria e com o qual ficou Adão *engasgado*...

A Mentira mais desenvolve a sua multiforme e dynamica actividade nas calamidades humanas, como a guerra, tanto que esta verdade gerou o antiquissimo refrão: "Tempo de guerra, mentira como terra". Pois bem; o impostor do seu filho opera com mais desenvoltura, com mais velhacaria e com mais rapidez, na phase dolorosa, cruenta de uma guerra alimentando, perversamente, sua continuidade. E tão verdadeira é essa affirmativa, que, infelizmente, o sentimos entre nós e ainda e sempre o teremos, muito embora indesejabilissimo.

Havendo irrompido a luta fratricida na principal unidade da Federação Brasileira, installou elle, desde logo, os seus dois principaes P. C. no lindo e adeantado Districto Federal e na civilizada e progressista Manchester sul-americana, tendo agido com temeridade e constancia; foi um espectaculo mixto de triste e de ridiculo, do Amazonas ao Prata.

Como factor importante, quiçá o principal, para arrastar ao descredito, á nobreza, ao luto, ao odio, á estagnação de suas conquistas liberaes a esse invejado colosso que em seu seio enthesoura todas as mésses de vida, tripudiou, durante cerca de tres mezes, sobre o generoso sangue de nossos irmãos.

Entre as camadas modestas, onde existe mais singeleza, infiltrava-se elle sem esforço; dominava a classe media; imperava nas altas rodas; fazendo sempre sentir fundamente a sua perniciosa hypnose, até mesmo em meio aos dirigentes do paiz.

O engenho e a coragem dos paulistas, os recursos e o dever do governo, tudo foi supplantado pela audacia, pela solercia do individuo internacionalista que sempre dispôz, discricionariamente, da imprensa, do radio, do telegrapho, do avião, do trem, do vapor, de todos os meios de communicação, entrando, impunemente, nos palacios dos governantes, devassando segredos de Estado, não poupando a pureza da infancia, a indiscrição do bello sexo, o caracter de respeitaveis chefes de familia, a cultura e o bom senso de velhos professores, tendo chegado ao extremo de não respeitar a circumspecção da severa Justiça.

Rarissimos são aquelles que não soffreram e não soffrem os effeitos da actuação de tão poderoso intrigante. E bem desagradavel é termos de confessar que o rabiscador destas linhas não lhe poude resistir e ainda mais desagradavel é affirmar-se que o governo não dispõe de recursos de especie alguma para deportar tão nocivo elemento.

Ahi temos o perfil do Boato, o popularissimo internacionalista, o incansavel cosmopolita que vive em qualquer planeta e que assimila, de momento, os usos e costumes de qualquer povo, a correr ainda hoje, pelas repartições publicas, pelos balcões commerciaes, pelas carteiras bancarias e pelos nossos proprios lares.

Seara alheia

Pensamentos de Leopardi

A franqueza poderá ser util quando empregada como simples artificio ou quando seja tão extravagante que ninguem acredite nella.

* * *

Um grande remedio para a maledicencia é o tempo. Se o mundo calumnia nossos principios e nossas acções, só uma attitude se recommenda: perseverar. O tempo passa, o thema gasta-se e os maldizentes o abandonam para procurar novo assumpto.

Elevação

Tudo marcha para um objectivo, tudo serve — de nada se deve maldizer. O colorido azul sáe das brumas e o melhor, não raro, do peor. Nem uma só nuvem espalha-se por mera casualidade; não se perde de vista nem uma só curva da cortina do templo e o esplendor eterno a pouco e pouco vae sendo desvendado.

Deixa passar o eclipse e verás o astro refulgente.

Os passos mysteriosos que damos na terra são irmãos daquelles que damos na luz. Do fundo de todo ideal sereno e justo, Deus nos acena e até caminhando por entre o mal, entre horrores e soffrimentos, marchamos sempre para a frente.

Pequenez, ignorancia, falsa sciencia, todos estes sombrios escalões que te assustam serão removidos para que subas a grandes alturas.

De seus erros, se não de seus proprios crimes, é que faz o homem o progresso: transfigurando-se gradativamente o mal se vae convertendo em bem.

Nunca desesperes; nunca maldigas. Para alçar-se ao sublime e ao immensuravel é preciso antes ungir os pés na lama profunda.

Do cahos sahiu o céo. A belleza teve como primeira imagem a deformidade.

Aprende a esperar. Olha para a fealdade e para a ignorancia com os teus olhares mais ternos, por que por estas sombras é que te elevaste a tanta altura.

Não está nos designios de Deus que a treva e até o horrivel sejam inuteis e se percam para sempre, pois o laço sagrado do bem que se pratica, através das trevas e da esphera celeste une os marcos sombrios aos marcos luminosos. — VICTOR HUGO.

Ignorancia e sabedoria

Não acceito, de modo algum, a maxima que estabelece que um homem bem educado deve saber um pouco de tudo. Saber superficialmente, sem principios, é um saber quasi sempre inutil, quando não prejudicial, nocivo.

E' verdade que a maioria dos homens não são capazes de conhecer profundamente. Mas, tambem é verdade que esta sciencia que adquirem superficialmente não serve senão para satisfazer sua vaidade. Prejudica os que possuem um verdadeiro genio, por attenção nos detalhes e em coisas estranhas a suas necessidades e natural inclinação do seu espirito, que os desvia de ser objectivo principal, gasta sua...

Em todos os tempos, porem, se viram homens que sabiam muito, com mediocre intelligencia, e, ao contrario, vastas intelligencias que conheciam bem pouco. Nem a ignorancia é um defeito do espirito, nem o saber é uma prova de genio. — VAUVENARGUES.

O VINGADOR

De Harold Smith

PELO deserto, entre espantosos calores, avançava uma pequena caravana. O Sahara extendia sua immensa grandeza pelos areiaes sem fim, que pareciam um mar immovel, apenas ondulante. Mar immovel, ou, melhor, mar que se houvesse seccado, e que, ao desapparecer ou evaporarse as suas aguas, só o leito fosse recordação de uma potente mobilidade.

As horas e os dias succediam-se interminaveis. Até aquelle momento, nenhum oásis perturbára a solidão das areias. Os viajantes, tres inglezes e um americano da Carolina do Sul, sonharam ao embalo de seus camellos. Dirigiam-se a Tambuctú, a negocio. A' noite, installavam seu acampamento e entregavam-se ao somno. Somno não mui tranquillo, pois a cada momento temiam que, ao longe, começassem a ouvir os apagados murmurios do Simoun, para transformarse depois em rugidos de trovão.

No Simoun está escondida a morte. No torvelinho das areias, rugem milhões de seres fantasticos, implacaveis que lançam, aos milhões, nuvens de areias ardente, sudários duros como lousas de chumbo.

Os tres inglezes, John Way, Charles Bliss, William Stein, e o americano, Francis Hugnes, se haviam reunido casualmente em Fez, e, tendo todos que percorrer o mesmo caminho, resolveram formar uma só caravana.

Os tres inglezes eram muito differentes entre si: Way e Bliss, excellentes bebedores, de um temperamento optimis-

(Continúa na pag. seguinte)

ta, se identificavam perfeitamente com o americano, bebedor e optimista como elles. Mas Stein era o polo opposto de seus companheiros. Grave, retrahido, pensativo sempre, parecia amargurado por dolorosas recordações. Talvez se sentisse sob o peso de algum remorso. Debalde seus companheiros contavam-lhe historias e factos capazes de fazer rir a um defunto. O impenetravel Stein respondia-lhes apenas com um triste sorriso que occultava o vôo de seu pensamento para regiões bem diversas.

A caravana proseguia sua marcha. Os criados marroquinos seguiam silenciosamente atraz de seus patrões. De repente, um negro se adeantou rapidamente, como quem vislumbra qualquer coisa inesperada, mas desejada com ardor. Todos cravaram seus olhares no ponto indicado pelo negro, e lhes pareceu ver uma mancha escura que se destacava no vermelho irradiar das areias.

— Um oásis... — disse, impetuosamente, Bliss.

Era, effectivamente, um oásis. Nossos viajantes desejaram que seus camellos tivessem azas. Devorava-os a mais justificada impaciencia.

O oásis, para o viajante do de-

O Vingador

(Concluzão)

serto, é a terra da promissão. Alli as arvores dão fresca sombra. Alli murmuram as fontes e os pássaros musicalizam as frondes. Parece que a vida suspensa sobre a extensão arenosa, recobra seu imperio. Mas, como na vida, tambem alli os perigos espreitam os que passam. As féras sedentas, os selvagens, tão temiveis como as féras, amam os oásis. Tambem elles gostam do repouso. E si procuram esse repouso seres mais fracos do que elles...

A mancha escura ia augmentando no horizonte. Pouco a pouco, as coisas se destacavam: as arvores se viam distinctamente e não tardaria em ouvir-se o canto dos pássaros.

Cada vez se estreitava mais a distancia entre o oásis e nossos viajantes.

Cahiu a noite, repentinamente. A caravana chegou ao oásis. Tudo eram felicitações e prazeres entre os viajantes, e até o adusto cenho de Stein se illuminou debilmente. Comeram e beberam tudo o que é permittido naquellas soledades, e resolveram descansar. Vencidos pela fadiga, não tardaram em adormecer profundamente.

Stein, quando viu seus companheiros entregues ao somno, levantou com precaução. Sentou-se na raiz de um gigantesco baobab. Elle não ia a Tambuctú como os outros, a negocio. Era muito triste sua historia. Casado em sua juventude, com uma formosa mulher a quem amou loucamente, sua felicidade se viu perturbada com o apparecimento de um terceiro. Sua mulher abandonou-o, levando sua filhinha, um cherubim de cabellos de oiro, que, então, tinha seis annos. Nada mais interessava a Stein sua infiel esposa, mas a obcecante recordação da filha o perseguia dia e noite. Agora, devia ter ella dezeseis annos. O botão loiro seria, agora, uma esplendida flor...

Durante dez annos, Stein, possuidor de uma bôa fortuna, fez o incrivel para dar com os rastros perdidos. Esteve na America, na Asia. Finalmente, por uma dessas casualidades que muitas vezes seria melhor não se apresentassem, o pobre Stein descobriu o paradeiro dos seus. Soube que Edward Lincoln, o raptor de sua esposa, se havia estabelecido em Tambuctú, dedicando-se ao commercio de fructos do paiz. Disseram-lhe que era casado e que tinha uma filha de cerca de dezeseis annos...

Stein não vacillou. Chegou a Fez e alli se uniu aos que iam ser seus companheiros.

Que faria Stein? Que pensamentos o moviam? Matar os culpados e levar sua filha? Como ia proceder?

Amanheceu com a mesma rapidez com que havia anoitecido. Todos se levantaram, e iniciou-se a marcha.

Novamente o deserto. Novamente a extensão desolada, morta, as pequenas colinas arenosas que ondulavam negligentemente. O embalo dos camellos. O sol de fogo. O céo sem uma nuvem.

Uma nova manhã no horizonte. Mas, dessa vez, não se tratava de um oásis.

Era outra caravana que avançava em direcção opposta á de nossos viajantes.

As duas caravanas reuniram-se por fim. A segunda era formada por um branco e tres negros, seus criados. O branco, alto e forte, cumprimentou com certa asperidade os viajantes.

Houve as apresentações de pratica.

— John Way, Charles Bliss, William, Stein, Francis Hugues...

— Edward Lincoln...

— Mister Lincoln — disse nervosamente Stein, — dois minutos de palestra...

Os dois homens, com grande surprêsa dos outros, separaram-se do grupo. Stein, agitado e quasi tremulo; Lincoln, assombrado.

— Mister Lincoln, o senhor traz revolver?

— Trago, sim, mister Lincoln. Mas... a que vem a pergunta?

— Olhe-me bem, mister Lincoln. Não me chamo Stein; sou William Morris...

Lincoln deu um salto para traz. Em sua mão brilhou um revolver. Morris recebeu um balaço no peito, ao mesmo tempo que atirava contra seu odiado inimigo. Lincoln cambaleou antes de tombar. Estava morto.

Os companheiros, que correram horrorizados para o logar da tragedia, não chegaram a tempo de evitál-a.

Morris vivia ainda. Seus companheiros procuraram administrar-lhe os soccorros possiveis naquelle logar. Mas elle morria a olhos vistos.

— Amigos... vós chegareis a Tambuctú... Procurae uma mulher a quem chamam mister Lincoln... E' minha esposa... Tem uma filha... E' minha... Dizei a mister Morris que pela segunda vez é viuva... e a minha filha, que eu só ia por ella... Minha vingança foi muito triste... Um doloroso engano... Privei-me de levar minha filha... Morro... desesperado... Não era esse meu objectivo... Eu sempre a quiz... Só vim por causa della... Vinha buscál-a...

A voz de Morris extinguiu-se. As sombras da morte passaram fluctuando em torno de seu cadaver.

Os viajantes abriram duas covas separadas. Não quizeram que repousassem juntos para sempre os dois rivaes.

ALMA DE BOHEMIO

Uma garrafa, um copo e um cinzeiro.

Acompanho as deliciosas voltas de uma fumaça vulgar.

Tedio inevitavel.

Ouço longemente e levemente o compassar de um tango.

Tango.

A voz tenebrosa daquelle argentino somnolento.

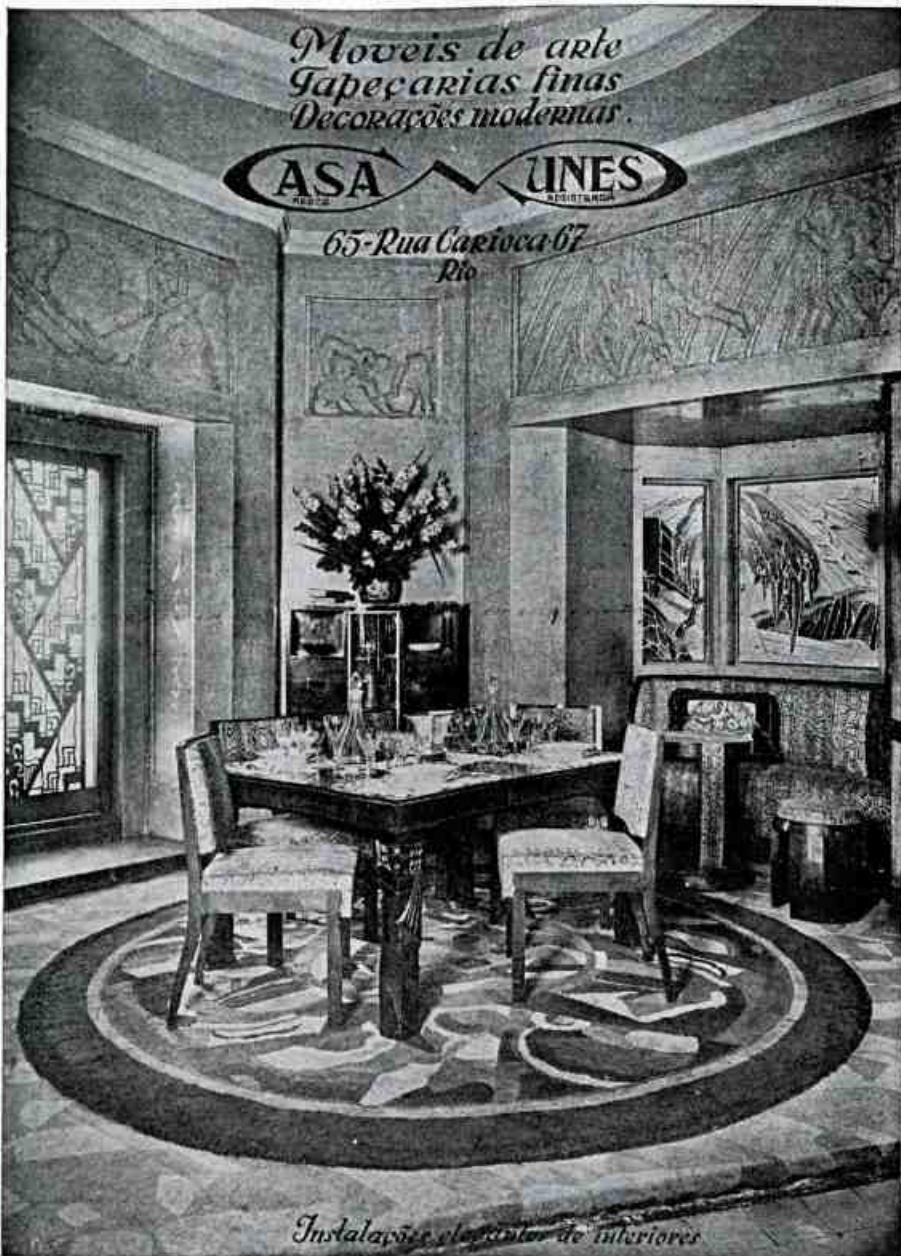
Sombras que passam, que deslizam... silenciosas e tristes.

Passaram e abraçaram as sombras.

Tango que some no contornar daquella fumaça de cigarro barato.

Luzes multicôres apagam. Brancas accendem.

Realidade.

Uma mulher perdidamente na delicia da cocaina.

Assusto-me.

Um estourar de champagne.

GERALDO MORAIS

Edgard Wallace — A ESTRANHA CONDESSA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

O volume numero 19 da *Collecção amarella* é de autoria do fecundo novellista Wallace. Uma historia mysteriosa, movimentada, cuja leitura interessa da primeira á ultima pagina.

A. Conan Doyle — AS ULTIMAS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

MAIS um volume da *Collecção Para Todos*, de autoria do famoso novellista Conan Doyle, o creador de aventuras policiaes. São 286 paginas que despertam a mais viva curiosidade do leitor, constituindo agradavel passatempo.

Monteiro Lobato — SACY — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

UMA edição primorosa, profusamente illustra constituindo uma verdadeira tentação para petizada que gosta de historias. Monteiro Lo bato, nacionalizando a literatura infantil, só mere applausos, principalmente pela competencia que re vela nos seus trabalhos.

Afonso Lopes Vieira — SANTO ANTONIO — Dist. Liv. Antunes — 1932 — 8$

SOBRE a vida do santo portuguez, Afonso Lop Vieira escreveu um delicioso livro. Poeta da raça, imprimiu nestas paginas a vibração do claro espirito, seguindo a trajectoria da vida sympathico monge, de Lisbôa a Padua. Esta tem pelo menos o merito de ser original.

TRANQUILLO

* * *

NÃO eram só os paes, eram tambem os demais parentes e os intimos a achar devia Claudio seguir a carreira do sacerdócio.

Era elle muito simples, humilde, estudioso, bom. Emquanto cada collega do collegio tinha sua namoradinha, vivia elle enamorado dos livros, apaixonado pelos seus estudos.

Dantes, quando o menino nascia de olhos arregalados, diziam logo as velhas sabidas que aquelle seria padre; hoje, as crianças não nascem falando, para não trabalhar...

Claudio nascêra daquelle geito; estava, portanto, escripto o seu destino: tomar ordens sacras. E elle, muito contente, se preparava especialmente para a vida eclesiástica.

Chegára de cidade do interior gentilima prima delle, encantadora, cheia de attractivos, e de quem se fizéra amigo.

Agradava-o ella, dando-lhe carinhos, mas isso acontecia apenas pela intimidade que existia entre ambos.

Ione, como se chamava a prima de Claudio, tivéra logo um esquadrão de admiradores; emtanto, ninguem sabia qual destes era o preferido. Tratava bem a todos, era gentil para com todos, sem dar mostra de gostar de nenhum.

Certa vez, lhe disséra Claudio, com ternura:

— Gosto de ti, Ione!

— Muito obrigada, meu idolatrado primo. Retribúo a tua gentileza, affirmando-te igualmente: gosto de ti, Claudio!

— Muito obrigado, minha querida prima. Porém, gostas de mim, como gosta qualquer pessôa de uma coisa abstracta: gostas de mim, como gostarias de um poema simples... mas carecendo das subtilezas do artista, sem ler no meu sorriso a belleza dos estranhos versos mentalmente compostos e a ti consagrados; sem ver nos meus olhos a alegria da minha alma quando te vejo, sem me conhecer no rosto as tristezas do coração quando presinto a tua indifferença.

— Gosto de ti, Claudio, porque és um bom, um rapaz digno da estima de qualquer pessô de bem.

— Não quero assim. Conten tar-me-ia si gostasses de mim como gosto de ti: gosto de porque adoro a tua alma encan tadora e bella e sou apaixona do teu corpo mimoso e bonit

— Contentar-me-ia si gos tasses de mim, como gostas irmã a quem mais queres.

— Não!

— Por que não?

— Porque te amo.

— Ai, Claudio! Não venhas com a seta de Cupido ferir singeleza da amizade nossa, nosso bem querer de amigo sinceros. Não venhas envenena nossas almas, nossos coraçõe Sem soffrimento não ha amo E para que soffrermos, si n podemos estimar como mãos?...

— Não sou culpado, Ione Vivia feliz a teu lado, satisfa zendo a todas as tuas vontade vivia adivinhando todos teus desejos, sem pensar mais nada sinão em te ser agra davel. De repente, porém, se ti um dia já não ter por aquelle affecto singelo, aque santa amizade de irmãos que nos unia, mas, um outro senti

Ary Machado Guimarães — SYLVIO ROMERO E QUERIDO MOHENO — Rio — 1932

ESTA obra constitúe para nós uma surpreza. Em meio da frioleira da época, ella se destaca como uma nota de coragem desassombrada, focalizando o nome do filho de Arthur Guimarães, espirito sadio de pensador, que viveu ao tempo de Sylvio Romero. Enaltecendo a actividade intellectual de Sylvio, o autor presta ao mesmo tempo justa homenagem a Arthur Guimarães, desbravando estradas novas entre a floresta das idéas, procurando rumo para os problemas sociaes que empolgam a nacionalidade. E para corroborar os pontos de vista que expõe, foi buscar os ensinamentos de Querido Moheno, figura de relevo do scenario mexicano, e de Joseph Sadony, singular espirito norte-americano.

Não temos o proposito de discutir o acerto das conclusões do autor, que encontra na Republica Unitaria Parlamentar a salvação do Brasil.

O concerto para o nosso paiz é, evidentemente, caso muito sério. Vamos aos trancos e barrancos, e possivelmente um dia acertaremos. Mas, tambem Roma não se fez num dia.

O ambiente brasileiro actual é uma interrogação, dizem os cavalleiros das esperanças perdidas... Mas, ahi está a alma varonil da mocidade, prompta para luctar e vencer. Vae ser dura a refréga?... Não importa, embóra tenhamos de construir para gerações vindouras. Ha dez annos, era uma loucura a Republica Socialista do Brasil.

Hoje é uma concepção em marcha. O livro do sr. Ary Machado Guimarães tem uma grande virtude: illustra, convidando o nosso espirito a meditar sobre o grave problema que envolve os destinos da nacionalidade.

Luis de Gongora — CONTOS A LULITO — Liv. Francisco Alves — Rio — 1932

PRETENDEU o autor escrever um livro simples, de contos moraes para crianças; intuito louvavel, porque a nossa literatura infantil é realmente muito pobre, ainda.

As composições do volume, em numero de dez, são interessantes, entretendo pela fabulação. Entretanto, parece-nos que o autor não dispõe da technica dos escriptores especializados neste difficil genero.

Não dispondo do espirito de synthese, escreve em longos periodos, concorrendo destarte para que as crianças percam o fio das historias. Aliás, assignalamos o defeito do livro, com o proposito, apenas, de chamar a attenção do sympathico autor.

Mario Poppe

De Hormino Lyra

* * *

mento menos brando, menos tranquillo: repontava a aurora do amor...

— Bem, Claudio. Vamos mudar de assumpto.

— Então, até logo. Vou-me embora para não te aborrecer.

— Não me aborreces. Ha tantos assumptos...

— Chega, Ione! Adeusinho!

— Si é do teu agrado ires embora, adeusinho!

Claudio ficára triste pela decepção. Notavam todos de casa a transformação por que passára o rapaz.

Rir? Já não dava aquellas risadas gostosas de quem andava contente da vida.

Si lhe perguntava alguem:

— Que tens, Claudio?

Respondia, dissimuladamente:

— Nada.

— Andas triste...

— Não tenho motivos...

Certa vez, reincidira em fallar a Ione acerca do seu grande amor, e respondêra-lhe a senhorinha que não pensava ainda em ganhar o coração de ninguem, pelo mesmo motivo de não lhe bater o seu por pessôa alguma.

O rapaz enfiára; e desta feita ficára mais impressionado que no momento da primeira declaração amorosa.

Augmentára a paixão, agora mais desordenada, e elle já não era senhor de si.

Não se conformava em absoluto com a recusa de Ione, e appellára certa vez para a morte. Já não queria viver sob aquelle soffrimento infernal.

No escriptorio do pae encontrára o revolver do uso deste dentro de uma gaveta. Pegou a arma. Estava com toda a carga no cylindro giratorio. Pôz o cano frio do revólver ao ouvido...

Salvou-o linda modinha brasileira.

Naquelle momento, ouvira Ione, que estava passando o dia em casa da familia delle, cantál-a muito alegre, e ficára indignado comsigo proprio. Nada soffria a priminha por sua causa; emtanto, elle naquelle instante ia morrer por amor della!

Repuzéra o revólver na gaveta, onde o encontrára, e sahira disposto a encarar a vida por outro prisma. Succedêra-lhe bem a providencia.

Passára a tratar Ione com frieza. Ella se sentiu mal com esse despreso e, pouco tempo depois, era noiva de Claudio. Não quiz, porém, o destino que se unissem pelo matrimonio.

Nunca mais pensára em suicidio!

Hoje, quando vê o *Zeppelin*, transatlantico do ar, passar por entre nuvens, navegando no espaço azul da amplidão do infinito, como si fôra transatlantico do mar por entre as ondas navegando nas aguas verdes do vasto oceano, sente Claudio não ser mais moço para ver ainda muita descoberta, muita combinação engenhosa do homem, liberto das leis da natureza pelo esforço da propria intelligencia.

Sente não ser mais moço e emprega todos os meios de dilatar a sua existencia e tem enthusiasmo pela vida e procura gozál-a em harmonia com todas as leis da honestidade e vae vivendo tranquillo.

(Do livro inédito "No Reino dos Corações".)

HEROISMO DE MÃE

NO modesto lar de Isabel, lar simples de empregadinha pobre, se notavam o bulicio, a animação e a alegria que antecedem um casamento.

No dia seguinte se realizaria a illusão suprema de sua vida: ia unir-se pelo matrimonio com o homem eleito. Dona Encarnação Alvarez, a mãe de Isabel, sorria satisfeita vendo o movimento de pessôas e a agitação da filha, nesse dia em que se concretizavam todas as suas aspirações maternas.

Viuva desde que a joven completára dezoito mezes, não casára de novo, apesar da admiração que despertavam sua mocidade e sua belleza. Vivêra sempre consagrada á recordação do companheiro morto e á educação da pequena.

Dona Encarnação via chegar sua velhice, com horror. Temia deixar Isabel sozinha, exposta aos mil perigos que ameaçam as jovens inexperientes nas grandes cidades.

Mas o destino bemfeitor poz no caminho de sua filha um homem que devia ser seu protector e seu companheiro.

Havia quatro annos que se tinham conhecido, uma manhã em que ella se dirigia ao seu trabalho e elle á Faculdade que cursava.

Carlos Alberto Villa-Real pertencia a uma das familias mais ricas e conceituadas da cidade. Mas, de espirito nobre e simples, não queria por mulher nenhuma das bonecas artificiosas com quem se encontrava nos salões, mas uma joven terna e abnegada, que puzesse uma nota de alegria em suas horas livres de homem dedicado ás investigações scientificas.

Isabel Alvarez era seu ideal feito realidade adoravel. Os annos de seu noivado decorreram serenos, sem que uma só nuvem empanasse o céo de sua felicidade.

Ella foi a animadora de seus penosos estudos, e quando, nas noites de inverno, Carlos sentia que suas palpebras se fechavam, e que o livro lhe tremia nas mãos cançadas, vinha a seu espirito a recordação de sua noiva, para remoçar-lhe a intelligencia e devolver-lhe a fé em suas forças intellectuaes.

Quando recebeu seu diploma, resolveu communicar a seus paes que estava decidido a casar-se. Até então não lhes havia falado de seu amor a Isabel, pois estava certo de que o considerariam um simples capricho de estudante e não o levariam a sério.

— Mamãe — disse, certa manhã, á senhora Villa-Real, — quero communicar-te que estou noivo.

A senhora Villa-Real olhou seu filho com curiosidade e não pouco orgulho materno. Estava certa de que a eleita de Carlos seria alguma das jovens de suas vastas relações. Sempre havia sonhado para seu filho com um casamento de posição e de nome.

— Quem é tua noiva, meu filho? — perguntou, esperando ouvir algum nome familiar.

Com o enthusiasmo que os apaixonados põem em suas palavras quando falam do ser querido, Carlos contou a sua mãe sua historia sentimental.

Emquanto falava, via mentalmente sua noiva, que lhe sorria enlevada e o animava com sua doce presença. De repente, emmudeceu. Que sentia sua mãe? Era odio, aborrecimento, angústia o que reflectia seu rosto transtornado?

— Que tens, mamãe? — perguntou, espantado. — Parece que ...
me escutas...

— Basta, Carlos! Não prosiga... Nunca eu poderia suppôr que ... darias esse desgosto. Meu filho casar-se com uma simples ... pregadinha! Nunca, nunca ... meu consentimento a essa ... absurda.

Carlos Alberto não encontr... argumento capaz de convencer s... mãe, encastellada em seus precon... ceitos e convencida de que um c... samento desigual attrahiria o ri... diculo para seu nome respeitav... e respeitado.

— E' inútil que insistas — ter... minou ella. — Si me desobedec... res e te casares com essa moç... não esperes meu auxilio. Não ... darei nunca um só tostão.

* * *

Dias depois, deante do modest... altarzinho de uma igreja de bair... ro, Isabel e Carlos Alberto uniam para sempre seus destinos.

* * *

Decorreram annos. A vida ... Carlos, dura a principio, como ... de todo medico joven e pobre ... tem a responsabilidade de man... um lar, se repartia entre suas ... sitas ao hospital e a seus enfer... mos e a serena paz das horas pa... sadas com sua mulherzinha ... suave ninho de seu amor.

Pouco a pouco, o nome do ... tor Villa-Real começou a cercar... se de uma aureola de prestigio ... conquistado brilhantemente ... sua applicação ao estudo e p... intelligente prática de sua prof... são. Sua propria juventude e ... legenda romantica de seu rom... mento com a familia, por motiv... sentimentaes, o tornavam symp... thico e querido a seus collegas ... clientes.

No alegre jardinzinho de ... casa, appareceu, um dia, mais ... flôr: uma flôr risonha e inqu... cujas mãozinhas travêssas se ... penhavam em desfolhar as outr... flôres, convencida de que bast... ella para emprestar encanto ... jardim.

A pequena Helenita foi mais ... laço que concorreu para torn... maior o profundo sentimento ... unia seus paes.

* * *

UMA noite, o doutor Villa-R... se sentiu enfermo. Como ... dico que era, diagnosticou ...

De Luisa A. Garcia Vivar

diatamente seu mal. Sempre attento ao cumprimento do dever, se descuidára das precauções necessarias durante o tratamento de um enfermo de molestia infecciosa e se contagiára com o mal incuravel.

E, emquanto sua esposa e sua filhinha dormiam tranquillas, sem suspeitar a tragedia que se avizinhava, Carlos as contemplou dolorosamente, como se olha a pessôas queridas a quem não se tornará a ver, e do fundo de seu coração surgiram lágrimas de angústia ao pensar no abandono em que iam ficar os dois grandes amores de sua vida.

* * *

Tres dias depois, junto ao leito onde jazia o corpo exánime daquelle que havia sido seu esposo, Isabel soluçava suffocadamente, para não perturbar innocentes divertimentos de sua filhinha, que os abandonou, por fim, e chamou o pae, a quem suppunha adormecido.

—MAMÃEZINHA: eu quero a boneca.

A scena havia mudado. Em um aposento pobre e desmantelado, Isabel contemplava com olhos extraviados sua filhinha enferma.

Já não tinha dinheiro. Todas as suas coisas tinham sido vendidas ou empenhadas.

Sua sogra não queria saber della, e até havia dado ordem aos criados para vedar-lhe entrada em sua casa, quando ella voltasse com sua filhinha nos braços, a pedir soccorro. Também não podia encontrar trabalho, que escasseava devido á depressão económica.

Em seu delirio, Helenita só fallava na linda boneca que vira na vitrine de uma casa de brinquedos.

— Mamãezinha, mamãezinha, traze-me a boneca!...

Toda vez que a criança dizia essas palavras, se despedaçava o coração da desditosa mãe.

Como poderia ella comprar um brinquedo para a menina, quando não tinha dinheiro nem para pagar o medico que a tratava?

— Mamãezinha, por que não és bôa commigo? Quero a boneca!

Isabel ergueu-se penosamente. O espelho do guarda-roupa reflectiu sua imagem. As penas haviam posto em seu rosto delicado uma nota de tristeza que a fazia ainda mais attrahente. E sob suas vestes modelava-se o corpo esculptural de uma mulher ainda joven, forte, sã e bem formada.

Por inevitavel associação de idéas, as queixas de sua filhinha trouxéra a seu espirito a recordação da voz persuasiva que desde varios dias lhe acariciava o ouvido. Era a voz do homem que podia salvar ambas da miseria e a filhinha da enfermidade e talvez da morte.

Até então fôra surda a seus galanteios. Embora Carlos Alberto estivesse morto para o mundo, continuava vivendo em seu coração. Não podia esquecêl-o. Mas os gritos delirantes de sua filhinha puderam mais que todas as suas resoluções de fidelidade e de constancia.

O amor materno se impoz a seu amor de mulher. Isábel a menina aos cuidados de uma vizinha, e sahiu.

Aonde ia?

Aquella hora, e a poucos passos de sua casa, elle esperava sempre.

Sua vontade fraquejou, quando ella se viu deante daquelle homem que a cortejava.

Ir ao seu encontro era uma promessa, ou mais que promessa, um offerecimento.

* * *

UM automovel os levou, em poucos minutos, á residencia delle. E, alli, Isabel, chorando sem consolo, lhe contou sua historia.

Ha palavras que abrandam o coração mais duro. A narrativa dos soffrimentos da moça purificaram, como um bálsamo bemdito, o homem torturado pelas paixões, que a escutava em silencio.

O amor, quando é grande e nobre, impõe respeito. O de Isabel por Carlos, sua fidelidade ao morto querido, seus sentimentos maternos, que a levaram até o sacrificio, impressionaram profundamente aquelle homem.

Quem havia sido capaz de inspirar em vida um amor tão grande tinha o direito de conserval-o puro depois de morto.

O homem contemplou-a com admiração. Tomou-lhe as mãos, beijou-as com fervor, como se beija uma santa.

Depois, abriu a porta em silencio e, com um gesto, a convidou a retirar-se, tão immaculada e digna como quando entrára claudicante em sua casa.

* * *

TRISTE, com passo lento, Isabel rumou para seu lar. Na porta, se deteve, surprehendida.

Como entre sonhos, pareceu-lhe ouvir o alegre riso de Helenita.

Em seu candido leito, a filhinha abraçava, sorridente, uma boneca maior do que ella.

E, sentado a seu lado, um homem. O mesmo homem a quem deixára havia pouco, transfigurado pelo espectáculo de seu heroismo materno, acariciava as tranças de ouro da menina.

— Mamãezinha, mamãezinha! — exclamou a criança. — O bom Jesus mandou-me esta boneca de presente. E' a mesma que eu queria.

Emquanto Helenita beijava com carinho a sua boneca, Isabel recitou, devagarinho, uma oração de agradecimento áquelle que soube proteger seu único e eterno amor.

O SUOR DEBAIXO DOS BRAÇOS

Marca Registrada

ESTRAGA:

OS RICOS VESTIDOS

OS TERNOS FINOS

AS ROUPAS DE SEDA

USEM

MAGIC

MAGIC é o unico preparado pharmaceutico inoffensivo á saude, que supprime magicamente a transpiração das axillas, evitando assim que se estraguem os vestidos e que faz desapparecer, como por encanto, o máo cheiro caracteristico do suôr

MAGIC é uma especialidade pharmaceutica, um remedio portanto, devidamente analysado e approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica e o unico aconselhado, para os fins a que se destina, pelas maiores autoridades medicas do paiz, entre as quaes os senhores doutores Miguel Couto, Aloysio de Castro, Austregesilo, Werneck Machado, Terra e outros mais, que de modo algum dariam o seu apoio a um medicamento que não tivesse real valor.

MAGIC é economico. Cada vidro dá para 6 mezes — e deve ser applicado de accordo com as instrucções.

MAGIC encontra-se em todos os armarinhos, pharmacias, drogarias e perfumarias ou nos agentes geraes, ARAUJO, FREITAS & CIA., rua dos Ourives n. 88 — Rio de Janeiro — Preço 7$000 — Pelo correio mais 2$000 para o porte.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 47

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1932

A seducção da melancolia

Laurita mergulhou os olhos negros na serena melancolia de Eduardo e, pausadamente, suavemente, perguntou:

— Por que você é triste?

O rapaz despertou da sua meditação e, relanceando os olhos pela sala em penumbra, respondeu:

— Para ser amado pelas mulheres. Ellas não gostam dos homens que agitam, festivamente, na inquietação da vida, os guizos da alegria. A tristeza masculina é uma fascinação a que ellas não resistem. Talvez porque a sensibilidade feminina ande vestida do luto das desillusões...

— Alto lá! Eu sou mulher e não me considero desilludida:

— Porque tem dezesete annos, e ainda não começou a viver. Só depois dos vinte a mulher póde dizer que é mulher. E, então, eu duvido que ella se não sinta attrahida pelas attitudes desoladas do homem triste. Espere trez annos, e verá.

Um silencio estranho interrompeu o dialogo da tarde quente. A garota ingenua e linda, que se empenhava em querer ser mulher, ficou pensativa depois de ouvir as palavras do rapaz. Dez minutos de contemplação romantica dentro da sala quieta. A buzina de um automovel gemeu na rua e um tenor de carregação cantou no radio do vizinho.

Laurita olhou, com volupia, os olhos de Eduardo. Olhou-os, demoradamente, e exclamou:

— Então, você não me diz por que é triste?

— Repito: para ser amado pelas mulheres.

— Menos por mim. Eu não gosto de homens tristes. Acho-os detestaveis. A delicia da vida é a alegria.

— Mas você, Laurita, ainda não representa a mulher. Você é uma garota... Apenas... Com dezesete annos, você não póde ser levada a serio.

— A idade nada significa, quando a gente já sabe pensar. E eu tenho a pretenção de só ser garota na idade...

— Como você se engana! Sua sensibilidade, seu coração, seus desejos, sua vida, emfim, soffrem, necessariamente, a influencia da idade que você tem. A idade de ingenua da garota que ainda não sabe pensar, que ainda não sabe amar, que ainda não sabe apreciar a seducção da melancolia... Eu sou triste...

— Por que, Eduardo?...

— Eu sou triste... porque sou triste.

— Que novidade! Ande, fale! Por que é?...

— Por que a tristeza é o refugio onde abrigamos as nossas decepções, os nossos sonhos mal sonhados, as nossas esperanças impossiveis, os nossos desejos insatisfeitos... A tristeza é um estado emocional que suaviza a angustia do destino humano e torna supportavel a monotonia da vida. A tristeza é a companheira leal dos homens... que não acreditam nas mulheres...

— Já vem você com as suas *blagues*! Fala-se em coisa séria e você, que pouco sorri, pretende fazer ironia... O que eu quero saber, Eduardo, é a causa da sua melancolia. Dessa melancolia que você tem nos olhos e que parece envolver toda a sua alma desalentada e amarga... Diga... Por que você é triste, Eduardo?

— Você tem, mesmo, muito interesse em sabêl-o?

— Está visto! Foi para isso que eu vim aqui. Vim por sua melancolia...

— Laurita! Você já é mulher! A minha tristeza, Laurita, conquistou-a. Si eu não fosse triste, você não gostaria de mim...

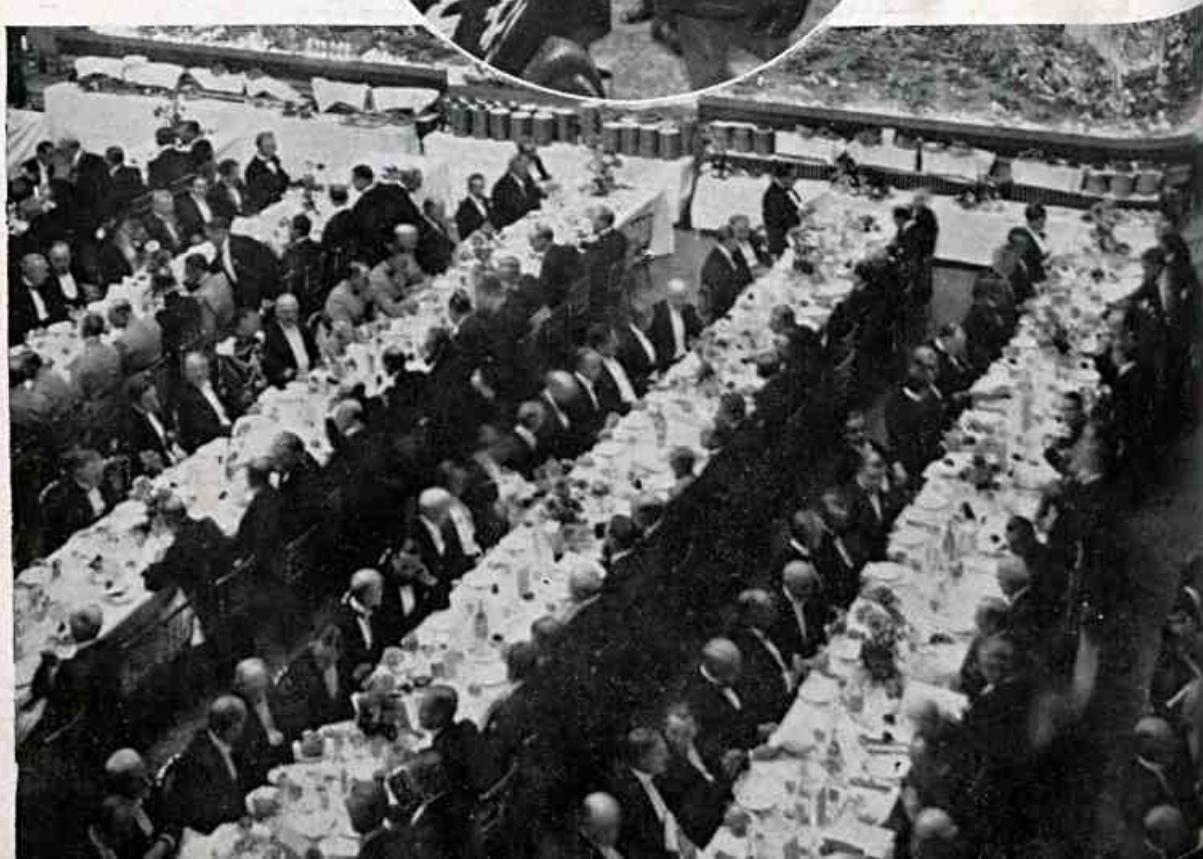
E Laurita, sem responder, mergulhou ainda mais os olhos negros na serena melancolia de Eduardo...

MARTINS CAPISTRANO

«FON-FON» EM PARIS

O Salão do Automovel de 1932 constituiu um dos grandes acontecimentos mundanos da ultima quinzena de outubro, em Paris. Sua inauguração foi precedida por um banquete que se realizou no Museu Colonial, sob a presidencia do chefe do governo francez. Esta pagina focaliza um aspecto do Salão do Automovel; o presidente da Republica Franceza, sr. André Lebrun, chegando para a ceremonia inaugural, e um trecho da grande mesa do banquete do Museu Colonial.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

Remadas de espuma

A revelação corajosa

— Triste, sim. Você, Carlos, me dá a impressão de que esconde um cemiterio dentro da alma.

Carlos alarmou-se:

— Vade retro! Um cemiterio?

— Sim... Um cemiterio...

— E por que nota isso?

— Por que leio nos seus olhos escuros a melancolia que o ensombra...

Carlos sorriu mais tristemente, para Luciano.

Habituado a fazer confidencias ao seu nobre amigo e confrade, elle sentia uma especie de remorso em esconder-lhe toda a extensão da verdade. No emtanto, ainda teve coragem para mentir.

E negou firmemente:

— Não, Luciano. Não tente fazer a psychologia de certas almas complicadas. Jamais acertaria.

— Tolices! O homem não tem psychologia a se fazer...

Tudo nelle é claro e limpido como um céo de verão...

— Sim — retrucou Carlos — mas não esqueça que o céo guarda o raio e o trovão — sem prejuizo do luar e das estrellas poeticas.

Luciano meditou um pouco, indeciso.

Disse, depois, mollemente:

— Mas...

— Não nos percamos em divagações, mais ou menos estereis... Você faz muita literatura, Luciano.

— Então, porque não diz a verdade? Você ama e soffre. A sua dôr é visivel, Carlos. Vamos, fale! Será que tem pudor em confessar que realmente soffreu alguma decepção em amor?

Carlos conservou-se mudo, como um homem que se compraz em fazer mysterio: — cheio de reticencias. Cheio de interrogações. Luciano insistiu:

— Vamos! Essa penumbra que lhe enrola a vida tem uma causa, que quasi se adivinha...

— Qual será? — fez Carlos com um meio sorriso dubio. Um tanto enigmatico.

— Uma paixão que falhou. Não é isso?

Deante de tanta curiosidade, o escriptor já se sentia decidido a revelar a verdade. Mas, esta seria uma crueldade. Como ferir o seu melhor amigo? Como dizer-lhe, abertamente, o que sentia?

Não reflectiu mais. Voltou-se para Carlos, e explodiu com uma franqueza amargurante:

— E' sim, uma paixão que falhou...

Luciano teve um riso breve de triumpho:

— Então? E a minha psychologia, meu caro? Valeu ou não valeu?

Carlos mordiscou os labios. E disse gravemente:

— Uma paixão que falhou!... E falhou por nobreza minha, sabe?

E depois de um silencio impressivo:

— Sabe a quem amo? E de quem fujo, com esta melancolia que o alarma?

— Não, certamente.

— Não adivinha quem seja essa creatura?

— Não é facil adivinhar, meu querido.

— Pois bem! Essa creatura é Helena... Helena, a sua noiva...

Yves

AUTOMOVEL CLUB DO BRASIL

Na proxima quinta-feira, 24 do corrente, o Automovel Club do Brasil realizará uma festa de arte, que terá um cunho de primorosa elegancia espiritual. Os nomes mais acclamados dos meios artisticos e literarios do Rio tomarão parte nessa tarde maravilhosa da aristocratica sociedade, que guarda o segredo do «charme» inexcedivel, com que sabe recepcionar o alto mundanismo carioca. Dentre esses nomes, enseja-nos citar o da poetisa Diva Jabôr, uma esquisita sensibilidade de artista, que agora apparece, imprimindo em tudo quanto escreve uma nota pessoal de estranha musicalidade. E' o retrato da joven poetisa que illustra esta nota, com a qual antecipamos o exito da annunciada e esplendida festa.

Goulart de Andrade em seu gabinete de trabalho.

GOULART DE ANDRADE

A proposito de seu ultimo livro :—: Por POVINA CAVALCANTI

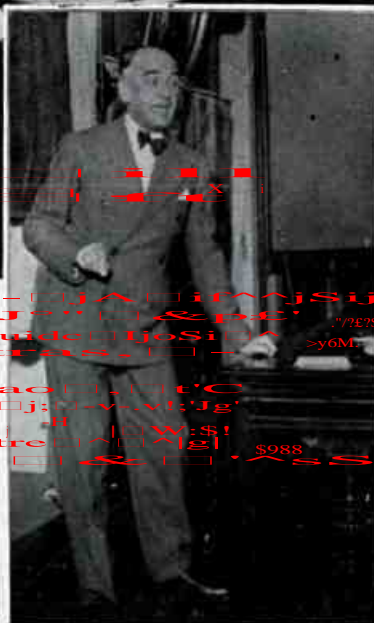
A fama literaria tem caprichos verdadeiramente femininos. Umas vezes, desarrazoada; outras, excessiva; algumas, intermitente. O phenomeno Paul Valéry accentúa a variabilidade dos ventos nesse quadrante da opinião publica. Nós, no Brasil, ainda não temos ambiencia, nem conformidade para situar o phenomeno á luz experimental. Comtudo, já se entremostram factos, melhor diriamos, episodios, pelos quaes se conclúe, tambem entre nós, que a gloria literaria é a mais difficil das amantes voluntariosas. Hermes Fontes fez-lhe um cerco integral. Morreu desesperado, na ignorancia de que a critica emmudeceu, quando a sua fama de poeta prescindia della. Nasce de fontes anonymas a claridade desse lume propiciatorio, em cuja perseguição os homens augmentam a séde de produzir e multiplicar as bellezas da vida. Nenhum poeta teve, no Rio de Janeiro, a entrada triumphal de Goulart de Andrade. Alberto de Oliveira, prefaciando seu livro de estréa, escusou-se da apresentação. Comparou-o ao sol, que não precisa de ninguem para nascer.

Goulart, como Edmond Rostand, guardadas as proporções entre a nossa e a civilização franceza, recebeu, em plena juventude, a sagração definitiva. O poeta delicioso dos villancetes e das balladas, o lyrico apaixonado, era dentro em pouco o victorioso romancista de "Assumpção" e o autor dramatico sensacional do "Jesus". Da metropole dilatou-se ás provincias a seductora nomeada, que a eleição da Academia officializou num pleito memoravel, em que Goulart venceu o principe D. Pedro de Orleans. Nunca esmoreceu no trabalho, nem dormiu sobre os louros, o artista insomne, que modelou, entre outras, a obra-prima dessa dança dos sete véos, das sete charpas miraculosas de Salomé. Poemas e ensaios, romance e critica, Goulart de Andrade foi trabalhando, benedictinamente, alheio á propaganda dos cartazes de livraria e dos rodapés hebdomadarios, que são as vozes da nossa chamada critica literaria.

Eis senão quando os amigos de Goulart sabem-no doente, afastado do convivio intellectual, da Academia. Já de ha muito, o admiravel poeta dava a impressão de arredio e, como a imprensa não tem desvelos literarios, cá fóra se pensou que o ourives dos villancetes olvidára os cuidados de sua arte, e a luminosa actividade de sua intelligencia. Mal sabiam os seus admiradores que a obra do joalheiro se completava no silencio, a que se recolheu, já antes da enfermidade, que o mantem apartado de nós, embora presente ao nosso bemquerer. Essa obra reponta agora nesse magnifico volume de estudos literarios, reunidos sob o titulo de "Cadeira n.º 6", que é a poltrona occupada pelo autor na Academia de Letras. Não se disse ainda todo o bem merecido pelo trabalho mais recente do escriptor de "Sementeira e Colheita". Nem parece que elle é o mesmo creador daquellas obras de ourivesaria literaria, que tantas admirações exaltadas levantaram em torno do artista. "Cadeira n.º 6" é, no emtanto, um excellente livro, onde se lêem varios estudos, animados de um alto pensamento. Impressionista, mas meticuloso e paciente no exame da materia, Goulart affirma-se um critico interessante, sem impertinencias scientificas, nem impostura de erudição. O estudo sobre Casemiro de Abreu, por exemplo, dá completo deleite literario. Profundo, não cansa; e vale o trabalho de rehabilitação de um nome, que o espirito moderno condemnára, como o de um poeta piegas.

Casemiro ganhou na immortalidade uma das mais bellas consagrações votivas, devidas ao talento e á devoção literaria do fulgido occupante da cadeira n.º 6. Não valem menos os outros estudos de Goulart. Sua fama literaria dispensa já os elogios. E se os ventos variaveis concorrem para neste momento falar-se pouco de sua gloria, não percamos tempo em fixar os horizontes: nesta hora amarga todo o trabalho é feito para a posteridade.

O 14.º anniversario da independencia da Polonia foi commemorado na legação do paiz amigo, nesta capital, com a recepção que, por esse motivo, o ministro polonez offerece todos os annos, no dia 12 de novembro, ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico, á sociedade carioca e aos seus compatriotas aqui residentes.

O dr. Thadeu Grabowski, enviado especial e ministro plenipotenciario da Polonia junto ao governo brasileiro, encerrou sexta-feira penultima a série de conferencias que, subordinadas ao thema «O mundo slavo», vinha realizando ha quatro semanas no salão nobre da Escola Polytechnica, sob o patrocinio da Universidade do Rio de Janeiro. Na sua ultima palestra s. ex. falou sobre «A Slavia Occidental e a Polonia» para um auditorio constituido de figuras representativas das letras, da sociedade e da diplomacia. O nosso «cliché» focaliza um aspecto do salão nobre da Escola Polytechnica, durante a conferencia do ministro Grabowski, e um instantaneo do illustre orador.

GOTTAS

Agir com rapidez vale mais, ás vezes, do que reflectir longamente. Poder-se-ia perder a opportunidade...

* * * *

Quem não puder ser feliz que procure ser alegre.

*

Viver de accordo comsigo mesmo, em harmonia com suas convicções, suas idéas, seus sentimentos. Vive de accordo comtigo mesmo e não de accordo com os outros.

REGINA RIZIERI

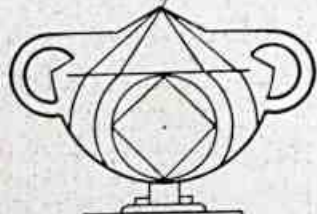
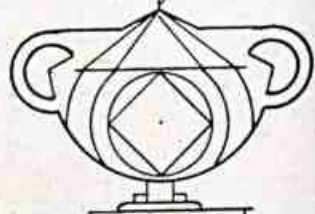
L'éventail

A JULIO DANTAS

Ce petit éventail tout monté en dentelles,
Qui garde dans ses plis tant de secrets galants,
Où Venise en gondole a passé ses élans,
Au siécle des grandeurs qu'on croyait im-
[mortelles

Bijou du dix-huitiéme aux maitres artisans,
Il a dans une branche un mot qui nous rappelle
Le feu brulant, au bal, au coeur de tant de belles,
Que la danse alanguit aux bras des courtisans:

"Retenez cet amour, que vous faut-il encore?
Puisqu'il est éternel, puisque je vous adore?"
Femmes, ne craignez pas du temps l'épouvantail!

Aimez! Mais prenez garde au vent qui tou em-
[porte!
Pour que l'amour dans l'infini ne se transporte,
N'agitez pas trop fort dans l'air votre éventail...

15 DE NOVEMBRO
UM BANQUETE NO ITAMARATY

A data da Republica teve, este anno, entre outras commemorações, a do grande banquete que o chefe do governo provisorio e a senhora Getulio Vargas offereceram na noite de 15 de novembro, no salão da bibliotheca do Palacio Itamaraty, aos chefes das missões diplomaticas estrangeiras acreditadas nesta capital. Além dos homenageados, que se achavam acompanhados de suas exmas. senhoras, compareceram ao ágape os ministros de Estado, o interventor do Districto Federal, o chefe de policia e outras altas autoridades civis e militares. Houve apenas dois discursos: o do dr. Getulio Vargas, offerecendo a homenagem, e o do nuncio apostolico, agradecendo-a em nome do corpo diplomatico. A gravura desta pagina focaliza um grupo de todos os convivas, tomado pouco antes da sumptuosa festa, e um instantaneo no parque do Itamaraty, quando o casal Getulio Vargas se dirigia, com seus convidados, para o salão onde foi servido o banquete.

Caverna de Ali Babá

Paulo Gustavo, o brilhante e querido poeta, que tanto successo tem alcançado com os seus poemas, acaba de conquistar mais um bello triumpho: vê a «Divina Amargura» attingir a sua segunda edição. Num paiz onde não se lêem versos e onde as edições não se esgottam facilmente, a victoria de Paulo Gustavo, o poeta das moças, é digna de ser assignalada com espanto. E é o que fazemos nesta nota apressada, salientando, mais ainda, que Paulo Gustavo é senhor de uma arte lyrica, verdadeiramente encantadora.

POESIA POPULAR

Motte:

Nem todo páu dá esteio

Glosas:

Nem todo passaro vôa
Nem todo insecto é bezouro
Nem todo judeu é mouro
Nem todo páu dá canôa
Nem toda noticia é bôa
Nem tudo que eu vejo creio
Nem todos zelam o alheio
Nem toda medida é recta
Nem todo homem é poeta
Nem todo páu dá esteio...

Nem toda a agua é corrente
Nem todo adoçado é mel
Nem tudo que amarga é fel
Nem todo o dia é sol quente...
Nem todo o cabra é valente
Nem toda roda tem veio
Nem todo matuto é feio
Nem toda matta é floresta
Nem todo bonita presta
Nem todo páu dá esteio

Nem todo estrondo é trovão
Nem todo vivente fala
Nem tudo que fura é bala
Nem todo rico é barão...
Nem todo azêdo é limão
Nem todos pagam bloqueio
Nem todas as noites eu creio
Nem todo vinho é de uva
Nem toda nuvem é de chuva
Nem todo páu dá esteio.

Nem todo preto é carvão
Nem todo azul é anil
Nem toda terra é Brasil
Nem toda a gente é christão

Maria José Pimentel, que tem apenas sete annos e é alumna da poetisa Maria Sabina, vae realizar, dentro de alguns dias, um recital de declamação, que está sendo ansiosamente esperado pelos muitos admiradores da pequena interprete dos poetas. Maria José Pimentel nasceu artista e é como tal que se apresentará ao nosso publico, para mostrar como sabe dizer versos com uma graça toda pessoal e uma impressionante e esquisita sensibilidade.

Nem todo o indio é pagão
Nem toda agencia é correio
Nem toda viaje é passeio
Nem todos prezam bom nome
Nem toda fruta se come
Nem todo páu dá esteio.

Nem todo lente é sabido
Nem tudo que é branco é leite
Nem todo oleo é azeite
Nem todo rogo é ouvido.
Nem todos vão ao sorteio
Nem todo sitio é recreio
Nem toda massa é de trigo
Nem todo amigo é amigo
Nem todo páu dá esteio.

CELEBRIDADE

Um destes dias cahiu-me sob os olhos um retalho de jornal em que certo camarada, que hontem nada valia e que hoje as circumstancias puseram por cima da carne sêcca, como se diz vulgarmente, referindo-se a outros do mesmo estôfo os declarava célebres em todo o Brasil.

Eu sorri pensando naquella phrase do prefacio das Confidencias, em que Lamartine tão bem distingue a celebridade da gloria: la celebrité n'est que la gloire du jour. Com effeito, na generalidade esses individuos celebres têm azas de barata e não vôam mais longe do que um dia...

MOT DE LA FIN

As idéas, escreveu um dos mais altos e claros espiritos do seculo passado, não têm orçamento na terra e seus soldados por isso não pódem receber sôldo.

Nem sempre isso é verdade. Muitos se fazem soldados de certas idéas com o ôlho na propina. E, embora ellas não tenham orçamento, elles são bastante sabidos para arranjar as verbas necessarias...

SÉSAMO

Com o romance «Menino de Engenho» revelou-se o livro de um [illegible] ptor: José Lins do Rego. Esse [illegible] arredio do commentario dos [illegible] e da consagração collectiva, [illegible] merece, entretanto, um logar de destaque nas letras nacionaes. Em «Menino de Engenho» surge um paizagista de colorido firme e harmonioso de par com o observador subtil [illegible] figuras e das cousas que prendem a attenção do escriptor. José Lins do Rego deu um bello livro á literatura do seu paiz.

Decorreu sumptuoso o grande baile que o Fluminense Football Club offereceu sabbado ultimo, á sociedade carioca, para festejar o trigesimo anniversario de sua fundação. O nosso «grand-Wonde» deu á linda festa do tricolor uma nota de alta elegancia e da mais fina distincção.

DE VARGAS VILA

Sem paixão não ha virtude, como sem emoção não ha arte. O homem que não se sentir apaixonado pelo Bem não será nunca um homem virtuoso; o homem que não se emocionar ante o Bello não será nunca um artista.

A paixão do Bem é a Virtude; a paixão do Bello, a Arte.

O genio é paixão. Não me deis livros sem paixão. São livros sem alma; distantes do sol da verdade e da caricia luminosa da vida.

*

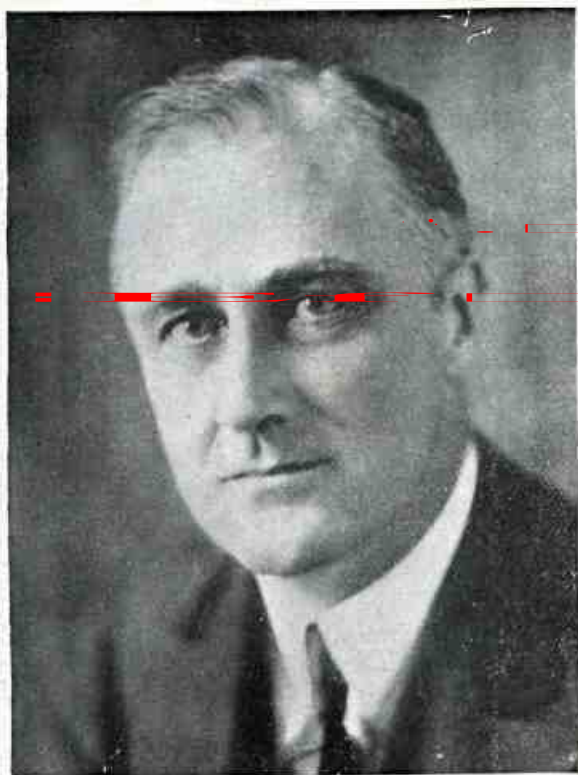
Que é a gloria? O estremecimento de uma paixão através as idades.

*

Uma penna sem paixão é uma trahição á verdade. Atraiçoar a Verdade é atraiçoar a Vida. Veritas est Vita...!

*

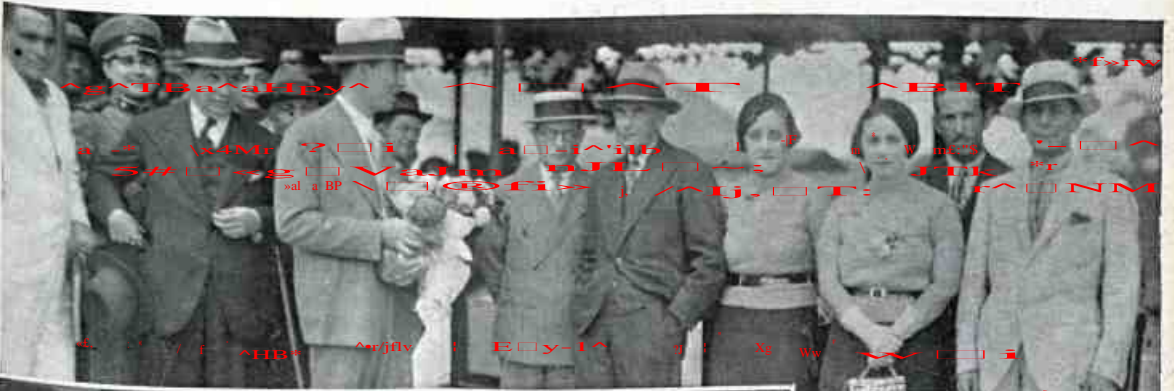
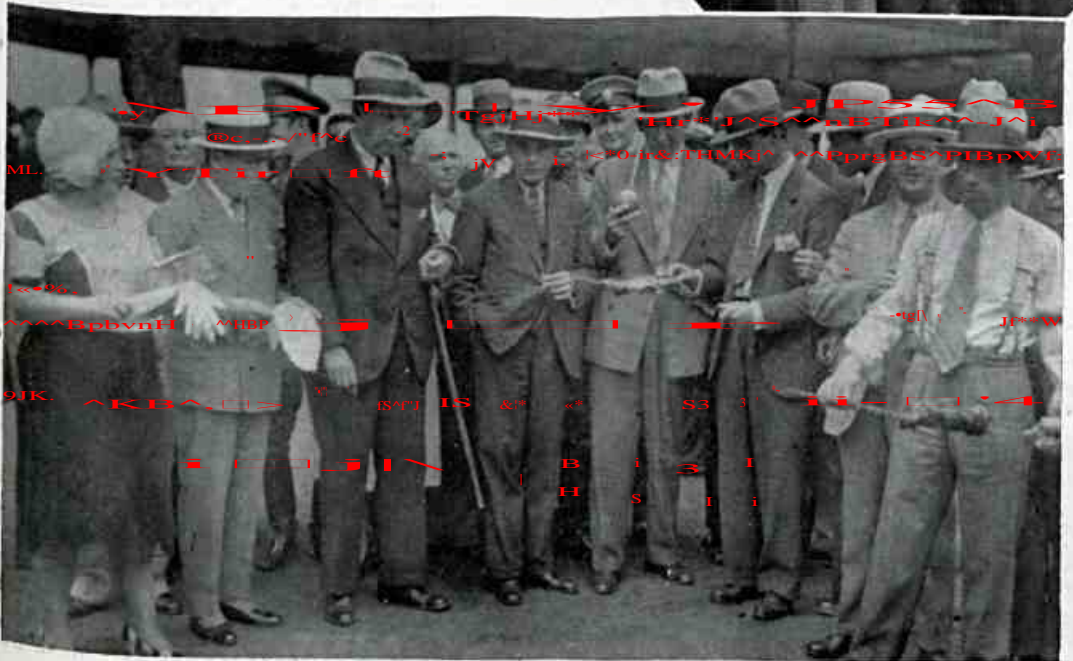
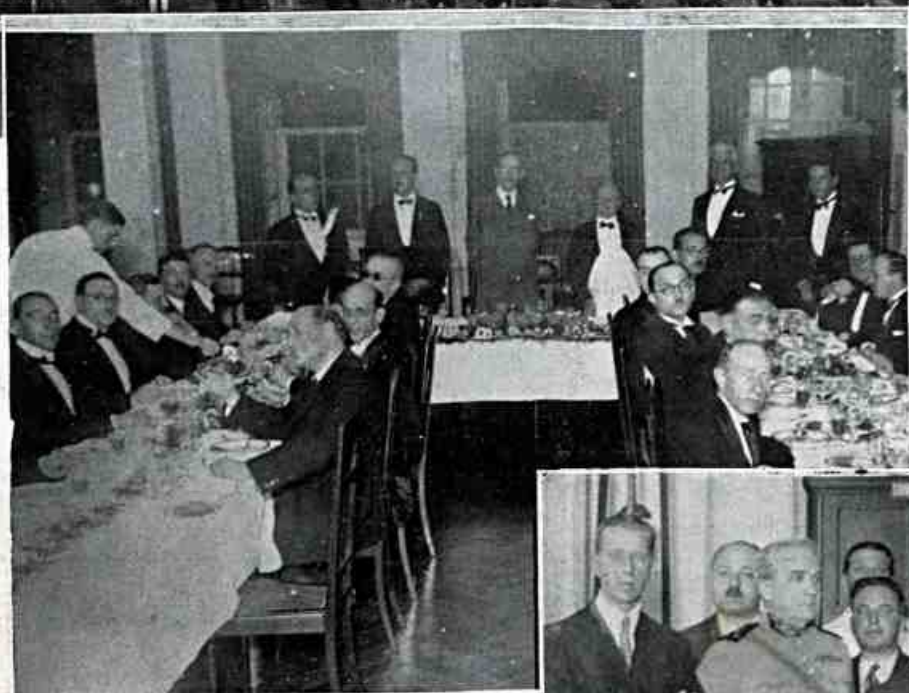
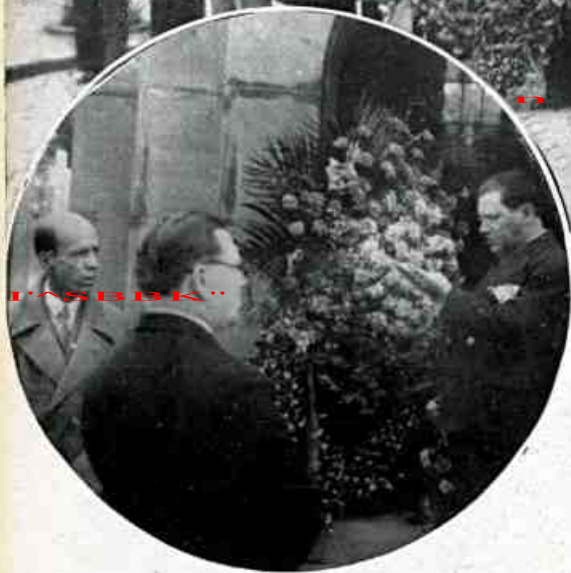
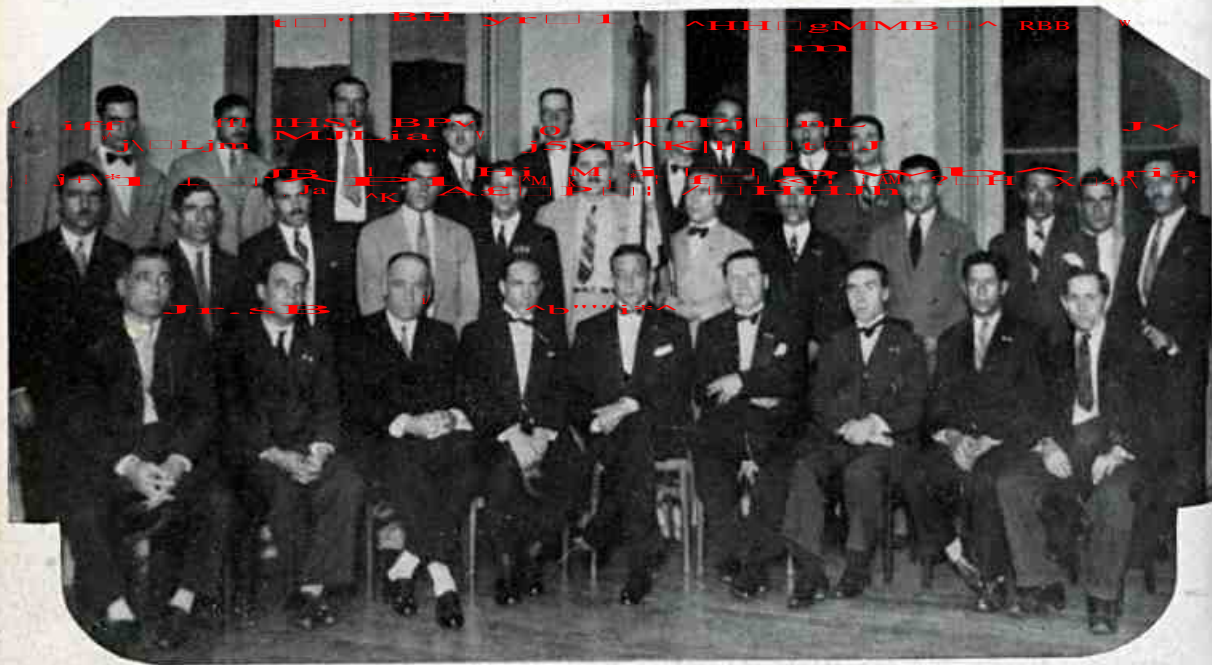
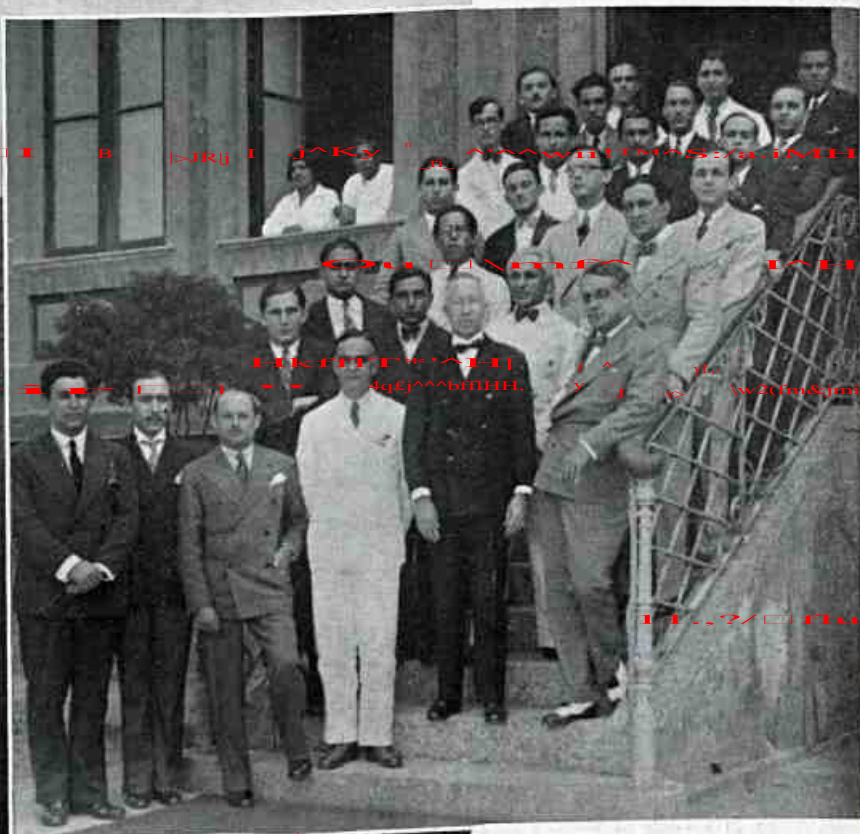
Um homem que permanece indifferente, sem se indignar, ante o crime, é criminoso quaesquer que sejam o gesto que esboce ou o vocabulo que procure para executar sua altitude miserável.

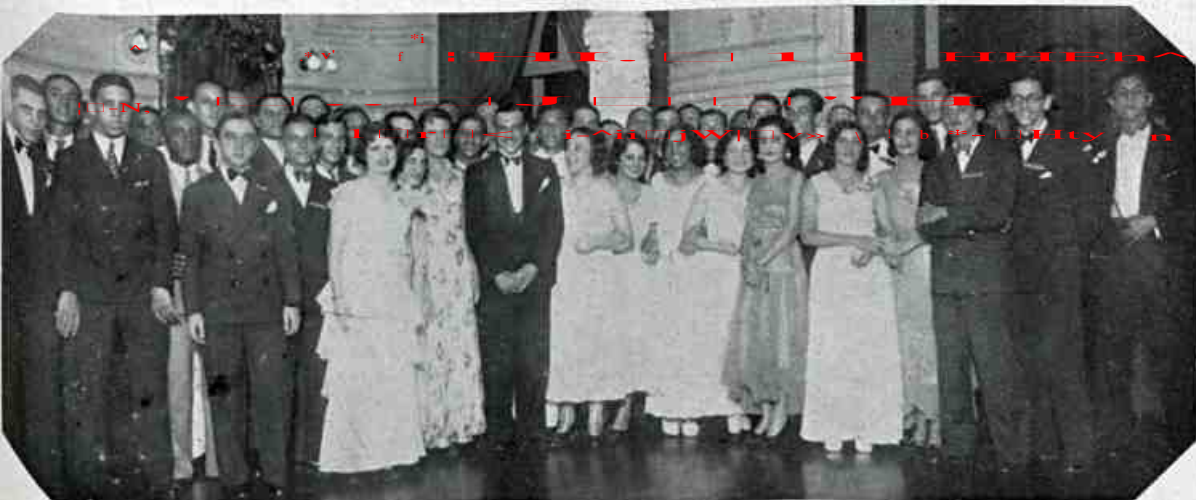
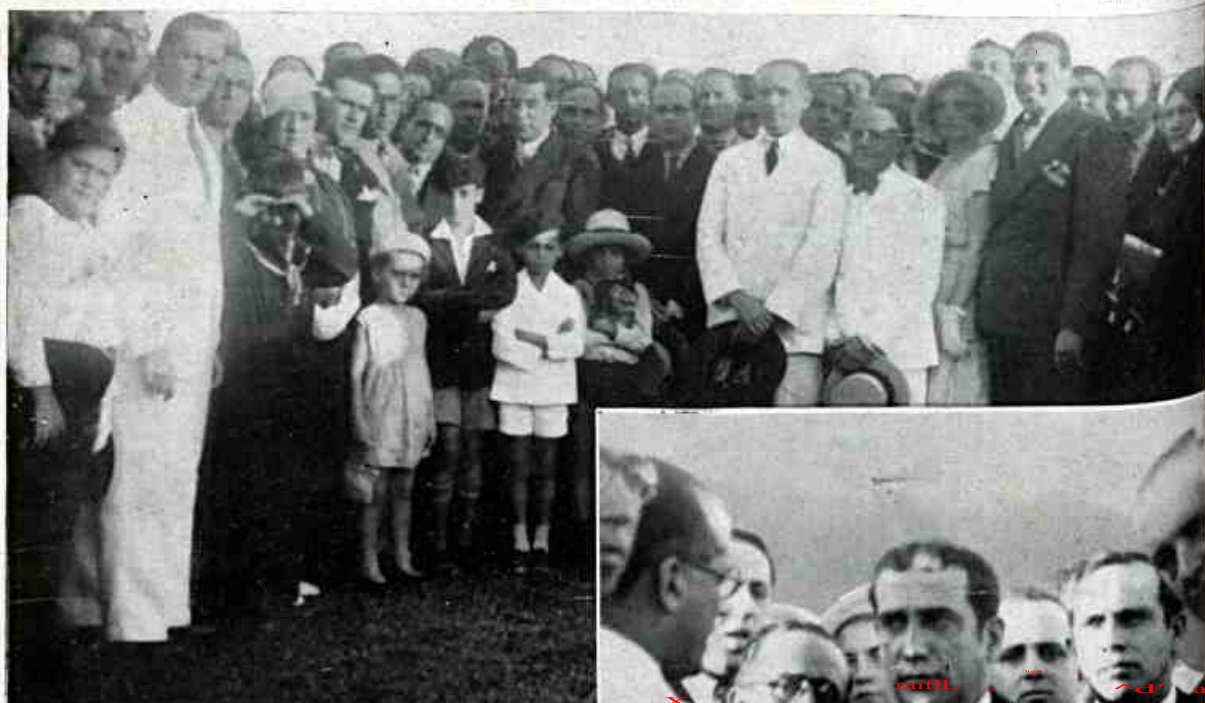
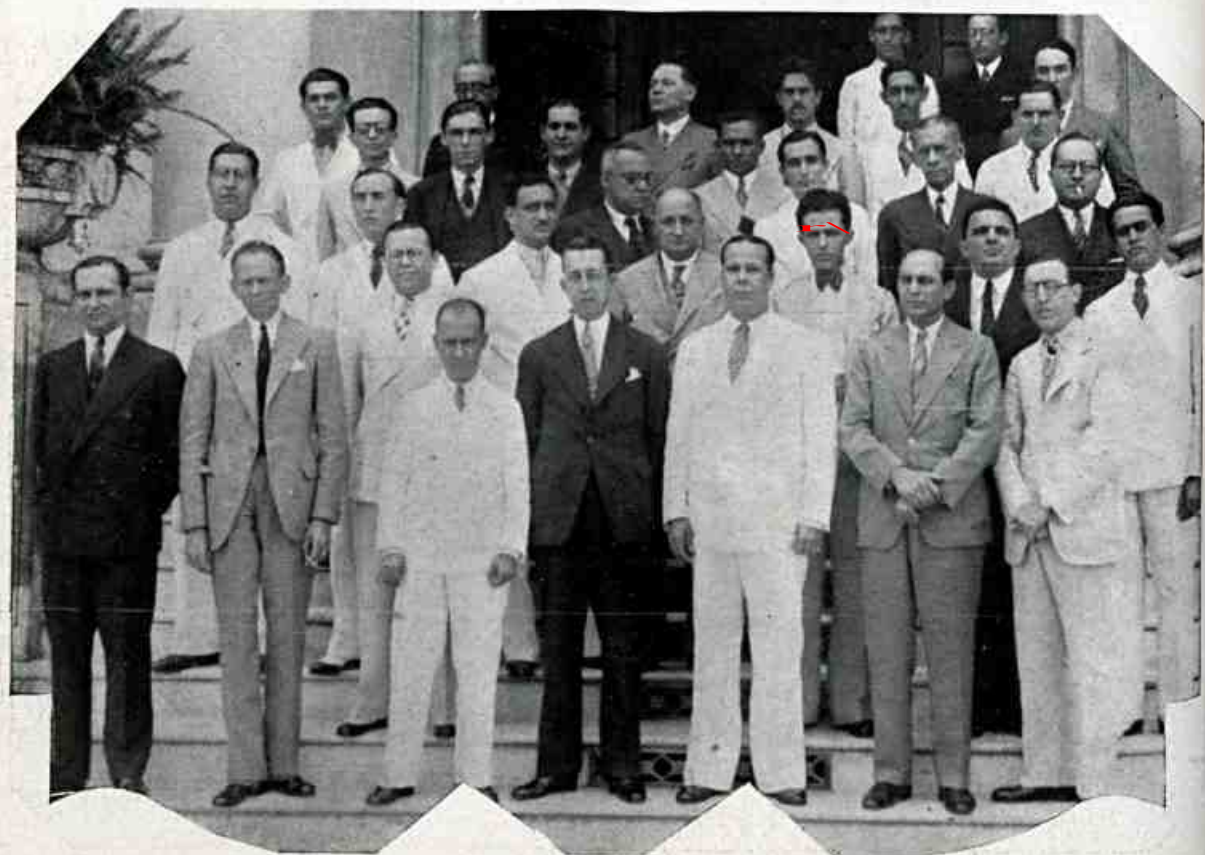
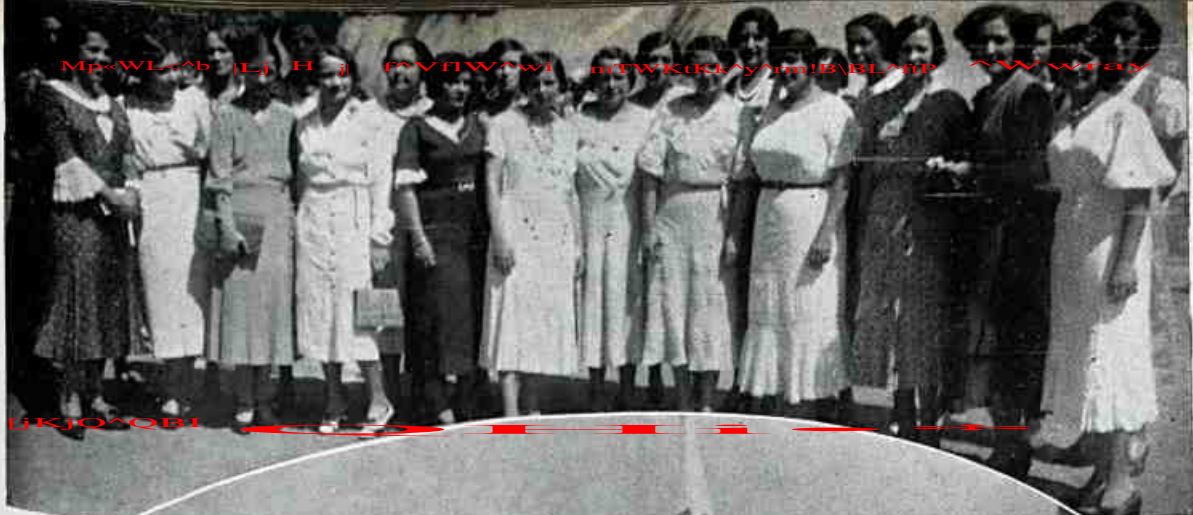
No palacio do Itamaraty realizou-se, na semana passada, a assignatura do accôrdo commercial entre o Brasil e a Lithuania, representados no acto, respectivamente, pelo nosso chanceller, dr. Afranio de Mello Franco, e pelo encarregado de negocios daquelle paiz, sr. Teodoro Daukantas, que se vêem no «clichê», durante a cerimonia.

Sr. Franklin Roosewelt, presidente eleito dos Estados Unidos da America do Norte.

* * *

O presidente eleito dos Estados Unidos

O recente pleito para a successão presidencial da grande republica norte-americana, com ser um dos prelios eleitoraes que maior e mais vivo interesse despertaram em todo o territorio da gloriosa patria de Washington, repercutiu no mundo culto como uma affirmação magnifica da soberania popular, consagrada nas urnas. Eleito, por consideravel maioria, o candidato democrata sr. Franklin Roosevelt, o seu illustre concorrente, o presidente Herbert Hoover, num gesto da mais nobre attitude politica, logo felicitava o seu digno competidor pela sua formidavel victoria. Em torno do nome do candidato eleito para a presidencia dos Estados Unidos gravitam, hoje, os mais complexos problemas de governo. Problemas da politica interna e externa, envolvendo vultosos interesses de ordem internacional, como a momentosa questão das dividas de guerra, com projecção na vida financeira de todo os paizes europeus que tomaram parte na conflagração de 1914. Homem publico de larga visão, estadista experimentado, o illustre ex-governador do Estado de Nova-York leva para a presidencia da grande Republica credenciaes magnificas, que auspiciam aos Estados Unidos um governo á altura dos mais vitaes interesses da gloriosa nação amiga e dos seus elevados destinos historicos.

Instantaneo do dr. Luiz de Souza Dantas, nosso embaixador em Paris, por occasião de seu embarque [...] capital, de regresso á França, para reassumir seu gra[...] posto, onde tem prestado os maiores serviços ao gr[...] e aos brasileiros.

Realizou-se sabbado ultimo, no antigo *Derby Club*, á rua Matta Machado, um churrasco promovido pelos officiaes do destamento João Alberto e em homenagem ao chefe de policia do Districto Federal, que nas photographias desta pagina apparece durante a festa campestre. A essa manifestação se associaram vários amigos e admiradores do capitão João Alberto.

A DATA DO ARMISTICIO

Varias e expressivas foram as commemorações do dia do armisticio da Grande Guerra, realizadas nesta capital, por iniciativa das embaixadas e associações particulares estrangeiras. E todas ellas tiveram um alto cunho de civismo, pelo brilhantismo de que se revestiram. Essas cerimonias constaram de bailes, sessões solennes, banquetes, etc., comparecendo ás mesmas, altas autoridades, o corpo diplomatico e figuras representativas da nossa alta sociedade. Esta pagina focaliza os aspectos mais expressivos dessas solennidades. No alto, grupos das pessôas que tomaram parte no banquete e baile promovidos pela Legião Britannica, no Palace Hotel. Ao centro: á esquerda, um aspecto do banquete realizado no Club Suisso, por iniciativa da «Amicale dos Antigos Combatentes Belgas no Brasil»; á direita, o jantar da «Association Française des Anciens Combatants», realizado sob a presidencia do embaixador Kammerer. Em baixo, flagrante da solennidade civica que se effectuou no consulado de França, em homenagem á memoria dos mortos da Guerra.

Além do banquete que realizaram no Club Suisso, para commemorar a data do Armisticio, os membros da «Amisale dos Antigos Combatentes Belgas no Brasil», tendo á frente s. ex. o sr. embaixador Ferdinand Peltzer, promoveram uma romaria civica ao tumulo dos marinheiros brasileiros que tombaram na Grande Guerra, depositando sobre o mesmo uma coroa de flôres.

Tambem a Liga dos Combatentes Portuguezes da Grande Guerra commemorou este anno o dia do Armisticio, realizando uma solennidade civica na séde do Orfeão Portuguez, sob a presidencia do sr. embaixador Martinho Nobre de Mello, que se vê no grupo, entre os seus compatriotas promotores da commemoração de sexta-feira á noite.

O professor Henrique Roxo entre os seus assistentes e alumnos, por occasião do encerramento do curso de aperfeiçoamento de psychiatria daquelle illustre scientista patricio, no Hospital Nacional de Alienados.

Ao lado: os jornalistas que ha dias visitaram, a convite das directoras da Pequena Cruzada, as obras do orphanato que está sendo construido na avenida Epitacio Pessôa, junto á lagôa Rodrigo de Freitas, em companhia das illustres damas que animam e amparam a benemerita existencia daquella instituição.

Teve grande brilho a «Festa do Diario», que se realizou sabbado á noite, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, por iniciativa dos novos contadores diplomados pela Academia de Commercio do Rio de Janeiro.

O Club de Regatas do Flamengo festejou segunda-feira ultima o 37.º anniversario de sua fundação, promovendo, entre outras commemorações da sua grande data, uma visita official á futura praça de sports que o glorioso rubro-negro está construindo na Gavea. Essa visita teve a presença do interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, que recebeu, então, com o titulo de socio benemérito do Flamengo, expressiva homenagem da directoria daquelle club de regatas.

O major Agrícola Bethlém, illustre figura do magistério local foi homenageado, ha dias, com um almoço, promovido pelo Syndicato dos Professores do Districto Federal, e ao qual se associaram vários amigos e collegas de s. s., por motivo da inclusão de seu nome na commissão que está elaborando o projecto da futura Constituinte.

Na Escola Sergipe, em Ramos, sob a regencia da sra. Bertha Cunha, luminoso elemento do professorado municipal, foram festivamente inaugurados um Club de Saude e um Club Literario. O «cliché» grava dois aspectos da interessante festa escolar.

O CAMPEONATO FEMININO DE VOLLEY-BALL

No proximo dia 26, terá inicio, no gymnasio do Fluminense F. C., o campeonato feminino de volley-ball da «Amea», no qual tomarão parte, entre outros, os «teams» officiaes do Tijuca Tennis Club, já victoriosos na disputa do campeonato da cidade, conquistando a taça «Tricolor», que se vê na gravura. Tambem ahi apparecem as senhoritas que formam os referidos «teams», e que são as seguintes: Pina Zambelli, Maria Angela, Maria Alice, Regina Fonseca, Emilia Santos, Véra Leite, Marcy Ludolf, Elza Daltro Santos, Maria Augusta, Lucia Fonseca, Vêdda Victor do Espirito Santo, Geraldina Santos e Nadyr Lima.

A mulher chic

Creações Jean Patou

Lainage vert. Foulard vert á pois blancs.

* * *

Ensemble d'après-midi en lainage beige. La manche du manteau, courte et bordée de lynx, laisse apercevoir celle de la robe.

(Photos especiaes para FON-FON)

Robe en crepella beige. Chapeau paille naturelle gros grain marine et rouge.

* * *

Tweed léger de plusieurs tons de beige et de marron, rehaussés de vert.

Um aspecto da solennidade commemorativa do sexto anniversario da Sociedade Scientifica de Estudos Supermentalistas «Tattwa Nirmanakaia», tomado no momento em que o seu presidente, dr. Gerson Paula Lima, fazia a leitura de seu relatorio.

O Grêmio Literario Ruy Barbosa, do Collegio Baptista organizou, ultimamente, um grande festival em homenagem ao illustre corpo docente do conhecido instituto de ensino, tomando parte no mesmo varios membros daquelle centro intellectual, de que é presidente honorario o dr. Mario Peganha de Carvalho. Na gravura estampamos um flagrante da magnifica reunião litero-mundana, que attrahiu ao edificio Love, do Collegio Baptista, numerosa e distincta assistência.

Martins d'Alvarez, da Academia de Letras do Ceará, é um nome que se vae impondo pelo merecimento innegavel. Poeta de grande sensibilidade e de coloridos fortes, elle nos surge, agora, novellista, offerecendo-nos «Quarta-feira de cinzas», obra de feição accentuadamente modernista, apresentando uma these difficil e ousada.

Luizita, filhinha do casal Fabio — Nêna Netto, de Porto Alegre, numa «difficil» prova de cyclismo.

O nosso antigo collega de imprensa Silvino Silveira, que exerce, actualmente, as funcções de chefe da secretaria da Assistência Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira», de cujo serviço clinico é, tambem, interno, acaba de concluir, com notas distinctas, o curso de odontologia pela Faculdade Fluminense de Medicina. Escolhido orador de sua turma, o novo discipulo de Fauchard tem sido, por isso e pela sua formatura, muito felicitado.

FON-FON no cinema

QUANDO A MULHER SE OPPÕE

(Merrily We Go to Hell)

DA PARAMOUNT

com Sylvia Sidney, Frederic March, Skeets Gallagher, e Adrienne Ames.

Loucuras do amôr sensualidade.

NUM baile, em que se reúne um bando de gente alegre, Joan Prentice, filha de um millionario, faz conhecimento com Jerry Corbett, um jornalista, fervoroso devoto de Baccho, que, alcoolizado embora, se felicita por esse contacto com a menina rica da cidade. Convidado para um chá em casa dos Prentice, Jerry alli chega com tres horas de atrazo, o que profundamente indigna o millionario. A pequena, ao ver o mancebo, esquece, porém, o seu resentimento. Mais do que isso; vae jantar com elle, e, quando regressam, estão os dois de casamento ajustado.

Casado, Jerry dedica-se a escrever para theatro e a sua primeira peça, "Quando a Mulher se Oppõe", escripta sob a inspiração de um idyllio dos tempos de estudante com a actriz Claire Hemstead, é, afinal, aceita por um emprezario em cujo escriptorio elle vem a conhecer a que será a protagonista da sua obra, — justamente Claire Hemstead.

A peça estréa com grande exito, mas quando Joan procura o esposo para que este attenda ás chamadas enthusiasticas do publico, encontra-o bebado, a cahir. O escriptor, na intimidade da sua interprete, deixára reviver o velho vicio.

A vida do casal, tão divinamente feliz nos primeiros mezes, é agora um inferno de imprecações e de coleras. Louco pela outra que o fizéra celebre, Jerry não mais dá attenção á esposa.

Jean contemporiza, na esperança de corrigil-o, mas o rapaz, longe disso, cada vez mais se entrega á embriaguez. A situação chega á sua phase critica quando Jerry convida para uma festa em sua casa a pro-

Era um ébrio incorrigivel.

A obra do alcool.

á luz um filho. Jerry abala para o hospital, afim de visital-a, mas á entrada do quarto encontra o pae della, que não o deixa passar.

Jerry, por fim, consegue penetrar no aposento. Pensando ser o pae que se lhe approxima do leito, Joan diz-lhe baixinho:

— Meu pae, mande chamar Jerry; eu quero vel-o...

— Mas sou eu, querida... E' Jerry quem te fala, minha Joan... E' o teu Jerry...

E Joan, abrindo os olhos mortiços:

— Oh, Jerry... O nosso filho... E prendendo-o pelo pescoço, murmura-lhe:

— Meu filhinho...

pria destruidora do seu lar. Deivairada por essa affronta, Joan foge de casa e só então, num momento de lucidez, reconhece o rapaz o mau caminho por onde vae.

Só e espiritualmente abatido, Jerry volve á sua mesa de jornalista. A mulher, agora em casa do pae, não lhe dá signal de vida.

Certo dia, diz a Jerry um collega, na redacção:

— Já leste isto aqui?

O rapaz passa a vista pelo topico apontado. E' a noticia de que a ex-Corbett tinha dado

Era amôr...

A volta ao bom caminho.

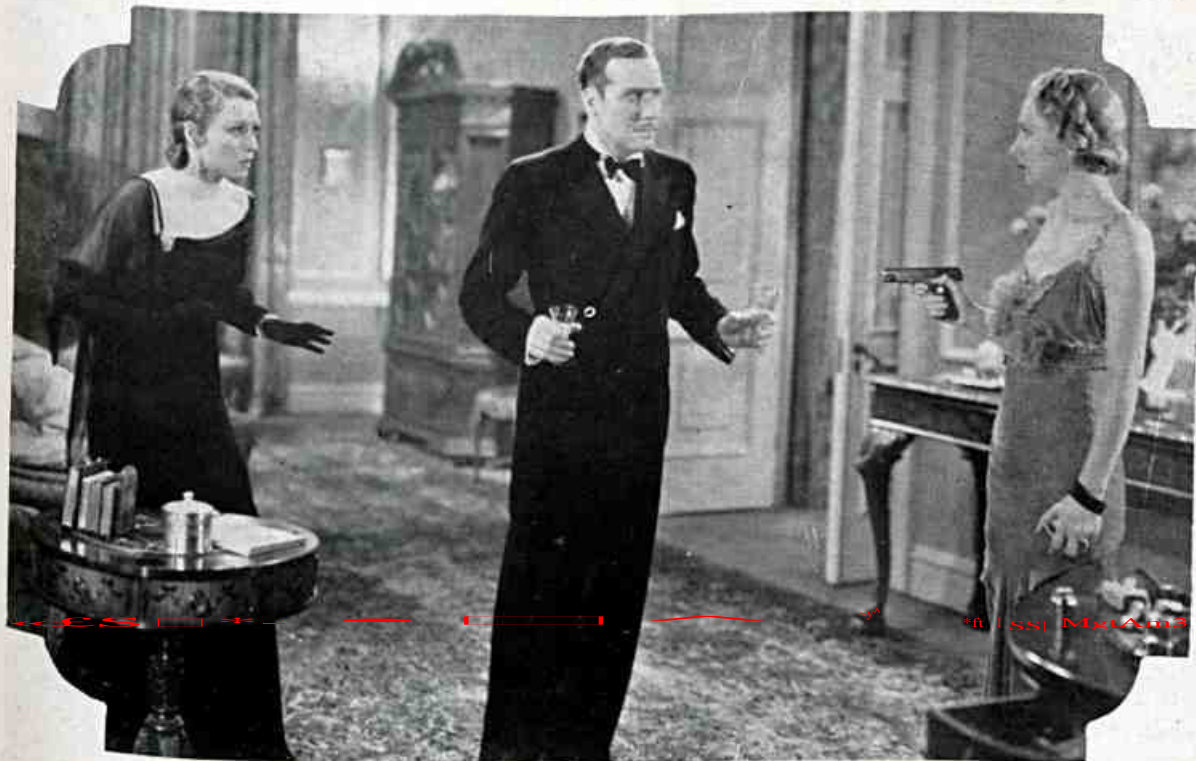
JACKIE COOPER DIVERTE-SE COM A VIDA DOS ESTUDIOS

"Estou aprendendo uma porção de coisas interessantes no scenario sonoro onde trabalho."

Assim falava Jackie Cooper das suas innumeras actividades durante os intervallos de seus films nos estudios.

Quando um astro cinematographico é ainda um menino como Jackie, de cabellos claros e suppli-santes olhos castanho-claro, não se sente tão fatigado como os astros e estrellas já crescidos. A vida lhe sorri com mais emoções e descobre uma variedade infinita de coisas interessantes.

E' assim que esse garoto de cara redonda e cheio de saude acha um grande divertimento em tudo o que vê e faz nos estudios.

(Conclúe na pag. 42).

Helem estava disposta a matar.

CIUMES

DA FOX FILM

com Warner Baxter — Karen Morley e Conway Tearle

ABORRECIDO com as convenções sociaes de Washington, Stephen Morrow, herdeiro de uma das familias mais distinctas da capital, converte o seu palacete luxuoso em uma casa de jogo onde se reunem os membros de todas as embaixadas estrangeiras. Ivam Boris dirige-se a essa casa de jogo para se encontrar com Carlota Cortes, a quem quer revelar que os medicos lhe vaticinaram apenas seis mezes de vida. Vão tentar a sorte na roleta e a certa altura do jogo: Boris grita que o estão roubando. Morrow, para evitar o escandalo, ordena ao "croupier" que pague a Boris, mas tal expediente não evita a lucta corpo a corpo com os dois, lucta que só termina quando Carlota grita que Morrow está brigando com um homem doente. A conselho do seu amigo Bob Ashley, Morrow abandona aquella vida irregular para entrar de novo no Serviço Secreto a que já pertencera.

Vão os dois ao baile de uma embaixada, onde Morrow encontra Helena Venesse, irmã da condessa Venesse, e por quem estivéra perdidamente apaixonado durante a guerra mundial, e que presentemente era noiva promettida de Ashley. E' grande a alegria dos dois apaixonados quando se tornam a ver. Desde logo combinam pedir a Ashley, que, respeitando o seu antigo amor, desista da promessa de casamento que lhe foi dada por Helena.

A volta ao amor antigo.

Morrow, tendo de um lado a amizade de Ashley e do outro o amor de Helena, hesita, não querendo perder nenhum dos dois. Estando de novo no Serviço Secreto, e sob as ordens de Ashley, recebe deste um tratamento abertamente hostil. Ashley, dominado pelo espirito de vingança, resolve enviar Morrow para um serviço perigoso, mas Morrow consegue vencer a empreza e regressa vivo e são, sem, comtudo, ter ficado com rancor ao gesto de Ashley. Entretanto, este ainda não perdoou.

Boris, que na realidade não é mais do que um espia internacional, descobre que a condessa Venesse é sua mulher. Quando julgaram que elle havia morrido no campo de batalha, ella se casou com o conde Venesse. Boris pede á condessa uma entrevista e revela a sua identidade. Como a condessa nunca revelará o seu passado ao conde, vê-se seriamente embaraçada. Obrigada por Boris, sob ameaças, a condessa rouba ao marido um documento valioso de que Boris precisa. Já esse documento tinha sido en-

tregue, quando Helena resolve que a unica solução para livrar sua irmã da dupla deshonra, seria matar Boris. E resolutamente leva a cabo o seu proposito.

Posto em campo o Serviço Secreto e a policia, descobre-se que Helena fôra a autora do crime. Ashley, para vingar-se, ordena a Morrow que a vá prender. Este, porém, conhecendo a situação, declara-se autor do crime e, quando vae tomar o revolver da mão de Helena, é ferido por um policial. Morrow assigna uma confissão do crime e prepara-se para morrer. Esse gesto de sacrificio emociona Ashley, que pela primeira vez comprehende o grão de amor que liga Morrow a Helena. Mas jura que ha de levar Helena á cadeira electrica. Morrow resolve viver, lutar pela vida, e dentro em pouco fica livre de perigo. Ashley, impressionado com tanta coragem, destróe os documentos que provam a culpa. E deixa mais que o amor dos dois se ligue por toda a vida. Calcou no coração o ciume.

JACKIE COOPER DIVERTE-SE COM A VIDA DOS ESTUDIOS

(Conclusão)

"Aposto que não ha logar como os estudios para se descobrir tudo sobre válvulas eléctricas, motores, geradores, "cameras" e todos os accessorios apropriados para montar uma scena", dizia o garoto. "Até estou aprendendo o officio de carpinteiro com o homem que faz os scenarios, que sempre me deixa ajudál-o e me prometteu ensinar a martelar um prego sem entortál-o. Quando eu souber fazer isto, vou construir no pateo de casa um club com muitas estantes e uma porta secreta.

Elle não morreria!

"O perito da *maquillage* me ensinou o segredo de se transformar uma pessôa. Qualquer dia vou pôr umas barbas postiças para visitar meus amigos; quero saber quantos me reconhecerão assim. Julgo que tambem experimentarei com minha mãe, Wallace, Beery e Johnny Weissmuller.

"Também aprendi a pôr differentes qualidades de narizes e eu me divirto, assustando minha mãe com um nariz tão grande como o de Jimmy Durante.

«Ella será condemnada!»

Ashley perdoaria.

"Outra coisa que aprendi nos estudios foi o funccionamento das machinas cinematographicas e já tenho ajudado o operador a desarmál-as e armál-as de novo. Quando eu me esqueci e deixei algumas peças no bolso, o operador, naturalmente, ficou furioso. Quando descobri que a "camera" não podia funccionar sem que todas as peças estivessem no logar, reconheci que o operador tinha razão em ficar zangado. Julgo que tambem perderia a paciencia no mesmo caso.

"Meu logar favorito, durante os intervallos, é no grande caminhão sonoro, onde se pódem encontrar ferramentas de todas as especies. O operador tambem me ensinou o funccionamento dos mostradores e até tenho manejado os apparelhos emquanto estão ensaiando algumas scenas. Essas machinas são movidas por um pequeno motor a gazolina, que me permittem pôl-as em movimento sempre que eu não esteja occupado em alguma scena.

"Minha professora que está sempre commigo no scenario, me explica as differentes coisas que eu vejo, quando não estou estudando geographia ou arithmetica.

"Estou pensando que si eu chegar a aprender todas estas coisas a fundo, poderei algum dia construir um studio sonoro no pateo de casa. Seria maravilhoso, não é verdade? Então poderia convidar todos os meninos da vizinhança e projectar, na téla, Trader Horn, Tarzan, The Ape Man e as comedias de Laurel e Hardy."

CONFLICTO ENTRE SEXOS

ELISABETH BASTOS DE FREITAS

O conhecido escriptor Paulo Magalhães acabou de escrever uma peça de theatro intitulada "Guerra ás mulheres". Os homens parecem estar indignados porque as suas senhoras não querem mais se resignar a desempenhar na vida o papel prosaico e antiquario de mãe de familia. Este papel é, e será sempre, o da mulher, devido a Natureza ingrata que foi prodiga para com o homem emquanto foi madrasta para a mulher. Emfim, temos que respeitar a vontade de Deus, e os filhos, quando vem têm que occupar a mulher que concebe. Mais ainda. O filho tem que ser, para a mãe, motivo de toda alegria e todo o amor. Nenhuma mulher, que seja intelligente póde deixar estes dois companheiros adoraveis, o amor e a alegria, nas mãos do homem, não se póde depender do homem para encontrar na vida amor nem alegria seja quem fôr elle. Appareça como um deus ou um máu espirito, não merece confiança porque a felicidade do sexo bello está nas mãos do Creador e não nas do homem. Quem pensar ao contrario segue no máu caminho.

O conflicto entre sexos é a novidade mais empolgante lançada pelo mundo do nosso seculo. A mulher tem arrastado um fardo pesado pelos seculos afóra, e até hoje; o marido em algumas nações é uma inutilidade que se tem que carregar algum tempo. Em outros paizes a mulher póde se ver livre, mas custa. Aqui no Brasil é preciso carregar com a trouxa a vida inteira.

O homem sempre fez da mulher a empregada mór da casa. Quando adoece quer um caldinho, um chá, umas torradas, quem passa as noites em claro, é a mulher. Quem cuida das creanças é a esposa. Aos domingos o bom burguez gosta de pudins e bolos feitos pela mulher. Lá vae a pobre queimar os dedos em proveito alheio..

..OS GRANDES INVENTOS — Apparelho elevador de cadeiras, seguro contra as iras paternas, e que se recommenda a todos os casaes de namorados...

Pois a mulher apezar de ser victima do homem, nunca declarou, nem declara guerra aos homens. Ella só quer aquillo á que tem direito. Quer trabalhar, viver honestamente e independentemente, amar quem seja digno de seu amor, viver sonhar, crear seus filhos, e nada mais.

Agora, o homem que vê sua empregadinha se libertando, voando por cima das grades da prisão, desespera-se e fala mal das mulheres.

Tudo será inutil. O homem não tem sabido cumprir com sua missão na terra, não tem sabido amar devidamente a sua companheira, ella agora quer libertar-se. Elle tem que aguentar as consequencias de sua leviandade e permanecer só. E' o caso da canção popular: "Não quero teu amor, nem quero teu carinho". E a culpa é do homem, tem sido por demais egoista. A mulher quer devoção, amor. O homem não tem sabido, nunca soube amar uma esposa como ella merece ser amada. Si passasse a lei do divorcio no Brasil, 98 % das mulheres casadas se divorciariam.

Que venha o conflicto entre os sexos, desde que o homem assim quer, que digam as mulheres unidas para todo sempre "Guerra aos homens".

Notas de Arte

AIMÉE ABRAAMOVA. — Foi cheio da mais viva curiosidade que penetramos o T. M., em a noite de martedia, 3.a-f., 8 de novembro, para assistir ás audições plasticas de Aimée Abraamova, a bailarina-cantora russa, varias vezes applaudida pelo publico e pela critica de Buenos Aires e Paris.

Não só dançar ao som da musica o que é arte commum, mas dar mimica á voz e vocalizar a mimica, fundindo numa só a mimica da voz e a musica dos gestos, formar uma como nova arte choreo-vocal — eis o programma que se impoz a notável artista slava e vem ella realizando em varias cidades da America e da Europa.

A' platéa do Municipal apresentou-se com este programma: Canto e dança: *La Nuit*, de Tschaikowsky; *Deux Chansons Caucasiennes* (air populaire); *Aimant la Rose*, *Le Rossignol*, de Rimsky-Korsakoff; *Chanson Georgienne*, de Rachmaninoff; *Danse des Persanes*, de Mussorgsky; *Berceuse*, de Gratchaninow; *Chanson de Parassia*, de Mussorgsky, *Danse Russe* (air populaire); — Canto: *Tristesse* (sur l'étude da Chopin); *Monjoli Roy*, *Joli Berger* e *Rose des roses*, de Moret; *Chant Hindou*, de Rimsky Korsakoff; — Dansa: *Cake Walk*, de Debussy *Gavote Antique*, de Czibulka, *Hymne au Soleil*, de R. Korsakoff.

Aimée Abraamova revelou-se una e trina, pois foi ella mesma successivamente cantora, bailarina e bailarina-cantora, e em todas as tres pessôas sempre artista.

A sua voz, embora de pequenina extensão e volume, é de bello timbre e cuidadosamente educada. Demonstrou-o com raro brilho nas tres peças de Muret.

Mais dançarina do que cantora, bailou com requintes de perfeição a Gavotte de Szibulka. Fundindo as duas artes, alliando canto e dança na interpretação musical dos poemas, o que era a parte principal do espectaculo, o que lhe era a verdadeira originalidade, Aimée Abraamova correspondeu senão integral parcialmente á espectativa do publico. Se nalguns números ouviu-se propriamente uma cantora acompanhando o canto de gestos adequados, noutros, como *Aimant la Rose*, *Chanson de Parassia* e sobretudo *La Nuit*, assistimos á fusão da musica da voz e da musica dos gestos, de modo a se ter a sensação de verdadeiras audições plasticas.

Durante ellas, acompanhando-as, ouvimos o piano, sempre applaudido, de Mario de Azevedo, e nos intervallos o violino de Romeu Ghipsmann, que tocou com emoção o Bor..., *Schleherazade*, de R. Korsakoff, *Cake Walk*, de Debussy, *Rondino*, de Beethoven-Kreisler, *Souvenir*, de Wieniawsky, e *Orientale*, da autoria do executante. Com os dois artistas brasileiros, e a artista russa recebeu muitas repetidas ovações.

A pianista brasileira sra. Maria das Mercês Mourão Calazans, que, contractada pela Empreza Artistica Associada, de que é representante o maestro Sylvio Piergili, se apresentou na tarde de 29 de outubro, no theatro Municipal, interpretando, com louvores unanimes do publico e da critica, entre outras, grandes obras de Bach, Mozart e Chopin.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — Mais um grande êxito da Philarmonica: o concerto realizado no T. M. em a noite de ... 5.a-f., 10 de novembro, sob a regência de Burle Marx, com o concurso da pianista Mlle. Odile Kammerer e do violinista Romeu Ghipsmann, e sendo executado este programma: I) Rimsky-Korsakoff — Capriccio grande Paque Russe; II) CÉSAR FRANCK — Variações Symphonicas (para piano e orchestra); III) TSCHAIKOWSKY — Concerto op. 35 (para violino e orchestra); Ravel, *Bolero*.

Ausente a musica allemã, nem por isso, ou por isso mesmo, teve a festa de arte extraordinario encanto. A sentimentalidade tão característica da musica slava, patenteada através das grandes composições de Korsakoff e Tschaikowsky, e o espirito e a graça, que não excluem a grandeza e a majestade, da musica franceza através das obras magistraes, cada qual no seu genero, de César Franck e Ravel, foram ouvidas com perenne enthusiasmo.

Tudo agradou, tudo foi applaudido. Mas dois numeros causaram excepcional sensação: Bolero e Variações Symphonicas. Se em ambas, a orchestra desmentiu o seu real valor, nas Variações teve quem a igualasse ou a excedesse, concentrando todas as attenções, empolgando todos os ouvintes. Foi Mlle. Odile Kemmerer.

Discípula de Mme. Long, a joven musa do teclado revela o saber adquirido nas lições da mestra, mas conserva a própria individualidade, caracterizada por uma sensibilidade extremamente vibratil, que imprime grande fulgor, exhuberante vivacidade, ao que ha de épico, de grandioso nas peças que executa. E' de ver-se a pianista toda absorvida na interpretação, ora cantando com as mãos sobre o teclado, ora murmurando bal-

...nho ou dizer na physionomia, os trechos em que o piano se cala e sôa a orchestra, e não esquecer um compasso, não perder uma nota, patenteando, como interprete, a precisão, a clareza, que tanto distingue a musica franceza.

O successo da joven virtuose deve-se essencialmente ao proprio talento, muito embora para o esplendor mundano de que se revestiu tivesse concorrido a sua posição social de filha do Embaixador da França.

O violinista brasileiro Romeu Ghipsman interpretou com brilho o Concerto de Tschaikowsky, dando especial realce ao 3.º tempo: Canzonetta.

E' escusado dizer que mais uma vez Burle Marx foi o grande animador da orchestra e dos solistas.

Verdadeiramente emocionado, o publico ovacionou o regente e a orchestra e os solistas. Mlle. Odile Kemmerer foi alvo de repetidos e enthusiasticos applausos, sendo chamada varias vezes ao tablado e recebendo flores em profusão...

Treze dias antes dessa victoria, obteve a Philarmonica outra não menos sensacional: foi a do Festival Wagner, realizado no T. M., em a noite da venerdia, 6.ª-f., 28 de outubro, com este programma, formado só de obras de Ricardo Wagner: Prelúdio do "Lohengrin"; Ballada de Senta, 2.º Côro das Fiandeiras do "Navio Fantasma" (côro feminino); Marcha funebre do "Crepusculo dos Deuses"; Adeus de Wotan e Encantamento do Fogo, da "Walkyria"; Côro dos Peregrinos (c. masc.), Abertura e Bacchanal, Entrada dos Convivas (c. mixto), do "Tannhäuser".

Como sempre foi a orchestra dirigida pelo notavel maestro Burle Marx, figurando como solistas [illegible] Rudge (soprano), L. Schmidt [illegible] (contralto) e Walter Sommer (barítono), e um côro de 300 executantes.

Imperioso motivo não nos permittiu comparecer ao festival, mas amigo e correligionario, que alem de medico é musico, lá esteve por nós, e aqui, em seguida, damos as suas impressões.

"Bem cuidada a execução, sob a batuta do grande regente Burle Marx, de todas as difficeis paginas dos dramas musicaes de Wagner. Verdadeiro encantamento o côro das Fiandeiras do Navio Fantasma, obra de Wagner, incontestavelmente um dos trechos mais bem inspirados e commoventes, cuja feitura nos lembra a maneira de Gluck.

"Mas o grandioso effeito estava reservado ao côro mixto da Entrada dos Convivas, do "Tannhäuser", que foi extraordinariamente applaudido e enthusiasticamente bisado. Foram muitos e bem merecidos os applausos que receberam os solistas e os côros, constituidos por elementos da *Sociedade Harmonie* e da *Sociedade Coral Lyra*.

"Effectivamente, o Festival Wagner foi mais uma grande victoria para o maestro Burle Marx, que já conquistou um logar destacado entre os nossos mais competentes e esforçados artistas."

MARCEL KLASS. — Precedido de grande nomeada, como grande tenor russo, realizou o sr. Marcel Klass em a noite de venerdia, 6.ª-f., 11 de novembro, no T. M., o seu annunciado concerto com o seguinte programma, alem de alguns extra: I) ARIE ANTICHE: *Chio mai vi possa*, de Haendel; *Pur dicesti*, de Lotti; *Le Violette*, de Scarlatti; — II) MUSICA TEDESCA: *Die Forelle*, de Schubert; *Im schonen Monat Mai*, de Schumann; *Zueignung*, de Strauss; III) MUSICA RUSSA: Aria da op. de Tschaikowsky, "Pique Dame"; *Romanza*, de Rachmaninoff; IV) ARIE FRANCESE: da op. "Manon", de Massenet e da op. "Mignon" de A. Thomaz; V) CANZONE ITALIANE: *Mandolinata a Napoli*, de Tagliaferri; *Mal d'amore*, de Buzzi-Peccia; *Pesca à amore*, de Bartholomei.

Registrando apenas as nossas e as impressões do publico, sem pretenções a critica musical, dizemos ter visto e ouvido um tenor de voz finamente educada, capaz de bellos pianissimos, artista realmente digno de applausos. Mas accentuada nasalação prejudica-lhe a belleza da voz. Não fôra isso, que talvez seja passageiro defeito, teria sido maior o triumpho do artista.

Salvo essa restricção, agradou-nos tudo o que cantou. Assignalamos no emtanto mais especialmente não só as peças em que mais se revela a mestria do artista, taes as arias de Haendel e Scarlatti, como tambem o *lied* (?) de Schumann, as arias de Tschaikowsky e Thomas, e as canções italianas, inclusive o extra — *Funiculi, funiculá* (?).

Todos os numeros muito applaudidos por um auditorio, em que figurava grande numero de ouvintes de nacionalidade russa, teve de bisar dois: a aria da op. "Pique Dame", e a canção *Mal d'amore*.

Sem ser excepcional não foi pequeno o exito obtido pelo notavel tenor russo.

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA. — Mais um recital e mais um triumpho da srta. Margarida Lopes de Almeida. Foi no T. M., na tarde de sabbado, 12 de novembro, com este programma, alem de alguns extra: I) ARTHUR AZEVEDO — *Juvenal*; JOÃO DE DEUS — *Amores, amores*; OLAVO BILAC — *Dentro da noite*; RAYMUNDO CORREIA — *XXX*; ALBANO LOPES DE ALMEIDA — *Mortos*; OLEGARIO MARIANNO — *Bohemia triste*; EUGÊNIO DE CASTRO — *A Virgem dos Ladrões*; CRUZ E SOUZA — *Triumpho Supremo*; II) JOÃO LUSO — *Carnaval*; EDMOND ROSTAND — *Au Ciel*; VALERES GILLES — *Reveil*; JEAN RICHEPIN — *La Fille du Roi*; III) ADELMAR TAVARES — *Cavallo de Vida*; RAUL PEDROSA — *Dedicatoria*; MARTINS FONTES — *Religião* (que substituiu *Feitiçaria*); ANNA AMÉLIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA — *Semeando*; FONTOURA COSTA — *Coitada*; AFFONSO LOPES DE ALMEIDA — *Ciranda*; JULIA LOPES DE ALMEIDA — *As Rosas*.

Salvo alguns números em que nos pareceu não ter a interprete dado o habitual fulgor, a maioria revelou mais uma vez todo o talento e a arte da grande declamadora brasileira. Não deixamos porem de distinguir os que mais sensação causaram, aquelles que a récitalista viveu com mais intensidade, e foram: *Mortos*, commovente poemeto, em que a artista chorou e fez chorar; *Triumpho Supremo*, em que nos deu toda a grandeza epica dos versos de Cruz e Souza; *Carnaval*, obra-prima no genero, onde, ao par de outros predicados plasticos e verbaes, mostrou todo o poder da sua invejavel memoria; *Au Ciel*, em que encarnou alternadamente figuras de psychologias antagônicas, — S. Pedro e o Peccador — vivendo com extraordinaria belleza os versos de Rostand; *La Fille du Roi*, grande pequeno poema em que Richepin tão formosamente idealizou o predominio da imaginação sobre a realidade quando impera o Amor, o Amor que opera o milagre de transformar na mais deslumbrante belleza, a mais horrivel das fealdades, poema que foi o triumpho maior da artista no victorioso vesperal; finalmente *As Rosas*, a celebre poesia em prosa, o conto tragico de d. Julia Lopes, que encontrou na sua illustre filha uma das mais notaveis interpretes.

Voltando varias vezes ao tablado, teve a recitalista de declamar novas poesias, entre as quaes os lindos versos do seu illustre pae — *Bem te vi*.

Não deve passar sem especial referencia a bellissima dicção franceza da artista brasileira. Não se lhe perde uma palavra, uma syllaba, tal a clareza, a nitidez com que se exprime na lingua de Corneille e Racine.

OSCAR D'ALVA

UMA CONSULTA — Diga-me, senhor: póde um dono de casa intervir, si uma mulher tem discussões tão violentas com seu marido, que incommoda os vizinhos, durante a noite?
— Parece-me que sim. O senhor é um dos vizinhos?
— Não; sou o marido.

Ipojuca

De

Othon Fialho de Oliveira

Convento de Sto. Christo de Ipojuca — PERNAMBUCO

MIRANDO o seu vulto de dama antiga nas aguas calmas do rio que tem o seu nome, assim a natureza collocou Ipojuca, a cidade de Paulino Camara, que, apesar de distar apenas 43 km. da capital, ainda não se decidiu a imitar o progresso desta.

Um casario multicôr constituindo umas seis ruas desiguaes, duas praças sem jardins, um convento que lembra o anno de 1606, a antiga matriz que, incendiada em 1814, fôra reconstruida em 1857, uma escadaria encimada peço Paço municipal, o mercado publico e um matadouro em construcção: é tudo o que Ipojuca, na sua ingenuidade de cidade matuta, apresenta ao viajante pressuroso de ver um burgo no meio dos cannaviaes.

Nella não ha atavios nem grandes construcções, mas o seu conjuncto singelo tem a seducção do pittoresco. Seu clima, paludoso nos brejos, é, comtudo, saudavel na cidade onde se póde gozar o ar puro do interior. A população é pacata: rarissimo é haver assuada na rua; quando isso acontece, é sempre nas localidades mais afastadas.

Ipojuca apresenta a todos que a visitam o aspecto de cidade colonial que ella ainda conserva como um resquicio do passado.

Si fôrmos ao convento, lá encontraremos, velado por uma gaze branca o adorado Sto. Christo de Ipojuca. Quem não conhece ainda os seus milagres, deve visitar a galeria lateral do seu altar onde são eloquentes os testemunhos sinceros da fé catholica. O convento é dedicado ao glorioso Sto. Antonio e por isto existe na portaria um vulto daquelle santo em tamanho natural.

Conta a lenda que todas as noites, ao badalar o bronze da torre as vinte e quatro horas, sae do convento aquelle vulto de pedra do santo frade para expulsar os cavallos que os hollandezes irreverentes em outra éra, fizeram guardar no pateo da igreja, á guiza da cavallariça. E acceitamos essa crendice popular parecendo já perceber, através das nossas retinas de brasileiros amantes do passado, a visão magnifica do santo thaumaturgo a defender a austeridade da casa de Deus. Ipojuca foi fundada no anno de 1596, tendo sido erigida á cathegoria de villa e termo pela lei n. 499, de 9 de maio de 1861. Ella parece já ter florescido muito. A ausencia do seu progresso actual é um corollario da situação topographica:

(Continúa na pag. seguinte)

PARA CONSERVAR O AMOR: CONSELHOS ÁS MULHERES

"A mulher que se casa com um homem de verdade, nunca deverá esquecer estas tres coisas:

Que o homem é mais forte que ella.

Que o homem é mais livre que ella.

Que o homem é mais susceptivel á lisonja que ella.

E, porque é mais forte, romperá com maior facilidade os laços que o aborreçam; e porque é mais livre, terá mais liberdade para realizar os seus caprichos; e porque é mais susceptivel á lisonja é mais facil de ser conquistado por qualquer outra mulher.

Se o homem escolhido é mais energico que ella e extremamente attrahente para as demais mulheres, o unico meio para conserval-o, no futuro, será mostrar-se invariavelmente doce e amante para elle, porque, assim, mesmo que tenha fugazes encontros com outras mulheres supportando caprichos e extravagancias, guardará sempre do seu lar uma recordação de paz e de amor. Sobretudo não deve a mulher preoccupar-se com o que elle faça: se realmente o ama e quer conserval-o é este o unico meio que poderá empregar para ser feliz, no caso, de antemão fixado, de possuir elle um caracter energico e ser desejado por outras mulheres. E agir assim sempre, mesmo que lhe pareça que o marido está a aborrecel-a, sem nunca desanimar, comprehendendo e sentindo, porém, no fundo de seu coração, que a intensa força magnetica do seu amôr e da sua doçura o attrahirá, de novo, inevitavelmente, emquanto as fascinações exteriores se dissiparão por completo."

Servirão estes conselhos?...

A "FORÇA" DO SEXO FRAGIL

De um modo geral, nos nossos tempos, o homem é mais forte que a mulher.

Quando, porém, o predominio desta existe na raça, seu corpo é alto e deixa adivinhar um conjunto vigoroso e harmonico.

Entre os gaulezes antigos, as mulheres, se desenvolviam suas actividades fóra da casa, constituiam o sexo forte. Estrabão escreveu que as mulheres dos gaulezes eram mais altas e mais robustas que os homens, o que Amamiano tambem confirma descrevendo, com profusão de detalhes, a formidavel potencia physica daquellas mulheres.

No Congo, onde predomina, executando os trabalhos mais pesados, a mulher é mais forte e está mais desenvolvida que o homem. As espartanas eram excepcionalmente robustas. Aristophanes refere que uma espartana chegou a estrangular um boi com as suas mãos. Na época de seu predominio, as egypcias eram conhecidas, em todo o mundo pela alcunha de "Leôas do Nilo."

Quando o capitão Walles visitou o Taiti encontrou á frente dos indigenas uma rainha tão robusta, que o levantava nos braços como a uma creança.

P R A G A - D E - M Ã E

Rosãe, a noiva, olhar de freira, em sonhos, vaga,
A cuidar que é de amor uma dôce cantiga.
E, entre as rendas do luar, alma simples e amiga,
Diz-se ao noivo, e a beija e conduz a outra [plága.

Mas sua mãe, na [illegible] que, por isso, a castiga,
Cheia de mágua, ella ia e róga-lhe uma prága:
"Arrependida, um dia, ha-de voltar — e, em [paga,
A meus pés, chorará de miséria e fadiga!"

E eis que, em pouco, a infeliz, sem pouso e sem [carinho,
Volta, misera, a sós, — e morre no caminho
Sem findar a missão dessa prága-de-mãe!

Contam que Deus, então, castigou a má lingua:
E praguenta ficou, sob andrajos, á mingua,
Sempre ouvindo, a seus pés, o clamor de Rosãe!

RUY CORTES

(Do "*Sombras e Rastros*", a sahir)

I P O J U C A

(Conclusão)

*

ankilosada entre duas usinas, precario, é o seu futuro.

Mas, nem por isso a cidade deixa de agradar aos que a procuram. Faz apenas anno e meio que os deveres profissionaes reservaram para mim a vida calma desta cidade, mas afigura-se-me que já começo a gostar da sua generosa hospitalidade. Tudo nella tem a simplicidade da alma brasileira. Os xéxéos das suas mattas causam inveja e a mandioca das suas roças é a mais saborosa. O extendal verde dos seus cannaviaes cheios de sol sob o céo anilado e o canto magico dos decantados carros de bois attestam a seducção da poesia natural e incomparavel da nossa terra.

Ipojuca, socegada e bôa, é um pittoresco quinhão do nosso grande Brasil; ella é bem um pedaço significativo da terra brasileira.

NOVICIADO

De Eug. Lapagesse

GUSTAVO tivéra bem um dia cheio — si o tivera! —, e, aprimorando o laço da gravata borboleta, que se alargava em curvas graciosas para angular nas pontas em corte de trapézio, unia-lhes as extremidades sôbre o peitilho da camisa de sêda, amassando as *azas* superiores, para effeito de negligência, num modo todo original.

Acordára cêdo, bem disposto, e, trauteando uma canção da moda, seguira para o banho no Flamengo, a gozar a delicia do sol de verão no cadinho esverdeado das águas.

Evocava a exclamação amiga da Clarinda Monteiro, apresentando-lhe todo um bando gárrulo de *demi-vierges* semi-despidas, a estontear-lhe os olhos ávidos de provinciano... E memorava, luxurioso, apertando as pálpebras, entre outras coisas deliciosas, o delicioso veludo dos olhos de Lucia, a linda morena que lhe apresentára o Fabio, e que, penetrando-o com o olhar a fulgir entre os cilios sedosos, entre sorrisos lhe estendêra as mãos fidalgas, macias e rosadas como petalas de rosa...

Depois, o almoço. O *cock-tail* com os Barrosos; o estonteante modernismo da Cassilda...

A exposição de Foujita, cuja originalidade não percebêra como capaz de tanta fama, e onde também não encontrára emoção sua sensibilidade artistica, antes ferida pela linha crúa dos quadros e revoltada ás manifestações extasiadas dos *Inspirados* inproductivos...

Seria que, verdadeiramente, não lhes sentira o alcance? Tinha receios... Seu metropolismo datava ainda de pouco... Falaria ao Fabio.

Envergou o smoking que lhe trouxéra o criado; vaporizou essência com um frasco de prata lavrada, e o perfume suave e caro de orchideas silvestres inebriou o ambiente.

Tornou ao espelho, onde viu reflectir a belleza máscula do rosto encimando a elegancia descuidada do athléta. Sorriu, contente.

Com um acêno de cabeça, respondeu ao cumprimento do amigo que chegava; depois, tomando um *abdhula* de mimo em laca azul, *made in Japan*, afundou-se na poltrona vizinha á que indicára ao Fabio, e olhou, displicente, a fumaça que em volutas galgava o tecto para o desenho de estranhas fantasias. Fabio quebrou o silencio, malicioso:

— Elegante e *raffiné*...

— Nas pegadas do *Mestre*...

— Do *Mestre*, heim?! Como coisa que a elegancia se applicasse em dóses mais ou menos homeopáthicas...

— Quem foi rei, meu velho, tem sempre magestade!

— Rei... na provincia?

— Que importa?! Tens elegancia descuidada, que é a suprema conquista da elegancia... Mas... soube que fôste á exposição do Foujista; que tal?

— Obsessão?...

— Tambem. E' o assumpto do momento...

— Para ser franco, não achei lá essas coisas...

— Mas o genero?! A originalidade?!

— Desenho de aula...

— Como?!

— Então! Aquillo não é pintura: traços, apenas traços... Valor propriamente artistico, nem sei... rigidez na fórma; ausencia de vida. Francamente: si fôsse *Industria Nacional*, adeus Foujita!... Os nossos basbaques querem, e hão-de, por fôrça, vêr obras primas nas cousas estrangeiras...

— Patriota!... mas não digas isso a ninguém...

— ?

— Não te perdoariam... O civismo e tudo o mais nesta terra é questão de interesse... ou vaidade... Mas, vamos, que Dona Zulmira está ansiosa por te conhecer.

— *Cambiôt*...

— Que queres, filho?... preciosidade assim...

E demandaram o palacete festivo de Dona Zulmira.

* * *

A animação era completa; a casa, cheia.

Madame tinha um sorriso de ouro para cada um dos convivas, e o ex-senador passeava a impotência de sua obesidade, esgarçando os lábios sensuaes num sorriso sem fim.

Estavam, ali, as Cardozinhos; senhoras Guimarães, Mamede, Souza, Rocha, Carvalho, Rezende, Oliveira, Brito, etc., com os respectivos appêndicis; as deliciosas senhorinhas Figueiredo, Barbosa, Castro Vianna, Zizinha Xavier, todo um mundo de elegancia; a endiabrada Lalá, do Coronel Flavio, entre-abertos os lábios gostosos de romã madura, e... o indispensavel, o indefectivel, o inimitavel doutor Joaquim Bento, dividindo as abas da casaca pelas nádegas polpudas, numa mesura quebra-espinha, estendendo á Zulmirinha, unico producto da firma senatorial, a falsa medida do pescoço de um santo bahiano...

Foi gentil, a acolhida aos dois amigos. Ao braço de Gustavo, Dona Zulmira correu os salões, apresentando-lhe o que de melhor — que havia distincções! —; chamavam-na, porém, as obrigações de representação social; desculpou-se para com o rapaz, e, acenando á Zulmirinha, entregou-lhe Gustavo, mandando que o conduzisse ás danças, com uma recommendação especial para a Lavinia, — espécie de isca pretorial com que lhe acenava a inspiração de presidenta do Circulo Feminino e devota de Santo Antonio...

*

No *buffet*, ao ar livre, luzes esgarças numa penumbra de luar. Gustavo x Zulmirinha:

— Champagne, Senhorinha?

— Não, obrigada... Gim com sifão.

— *Garçon*...

*

— Esse *fox*, Dona Lavinia?

— Oh, *my dear*, e porque não?

— Gosta de dançar?

— Muito. Tanto mais quanto sei que as outras se morderão de ioveja... pois não?

— Não comprehendo...

— Então? Não é V. o amigo intimo do dr. Fabio, e convidado de honra de Dona Zulmira?! Ser distinguida assim, logo da primeira...

— A distincção é toda para mim... O maravilhoso encanto de seus olhos, que me ebriaram de luz...

— E' poeta?!

— E si o fôsse? A alma dos poetas vive nos olhos das mulheres...

. . . .

Mas o *modernismo* da Lavinia, sua mocidade, seus vicios, não soffriam isso... E, na varanda, vibrou, cançada, sua voz irônica:

— Tolo!...

Emquanto Gustavo, referto de inspiração, cantava ainda o esplendor rutilante de seus olhos, Dona Lavinia, porém, que lhe fugira entediada, voltou, curiosa de tanta ingenuidade.

... E, madrugada alta, quando casaes de namorados beijocavam no jardim em penumbra, Dona Lavinia promovia a *iniciação* de Gustavo...

(*Capitulo de um romance inédito*).

UMA CASCA DE LARANJA

De PIERRE BILLOTEY

LAMENTO, querida, ter que deixar-te só durante trinta e seis horas — disse Marcelo Justin á esposa, no momento de despedir-se. — Mas... comprehendes... os negocios...

— Sim, Marcelo, comprehendo...

Um ultimo beijo, e Marcelo Justin poz em movimento sua *voiturette*, que, devorando kilometros, chegou á localidade de Pithiviers. Alli, o automobilista poude despachar seus importantes negocios em um par de horas. Tinha, pois, á sua disposição, quasi dia e meio de liberdade. Como aproveitar essas trinta e quatro horas? Regressando a Paris e visitando, no *Quartier Latin*, o seu amigo Edmundo Tavernier, homem capaz de improvisar um soberbo programma de diversões.

A *voiturette* voou pelo caminho e serpenteou, depois pelas ruas de Paris até se deter deante de um bello edificio moderno do famoso bairro. Marcelo Justin subiu ao primeiro andar com a agilidade propria de *sportman* e, depois de esfregar as mãos, opprimiu o botão da porta. Que surpresa para o amigo Tavernier! Que magnifica noite passariam juntos, visitando os refugios mais alegres da cidade!

O toque da campainha pareceu não commover o morador do apartamento. Uma segunda tentativa deu o mesmo resultado.

"Terá sahido?" — pensou Marcelo Justin. E, lembrando-se dos habitos do amigo, levantou o felpudo collocado deante da porta. Com effeito: a chave da fechadura automatica estava ali.

Marcelo Justin abriu a porta. Entrou. Fez gyrar o interruptor da luz.

O *atelier* do pintor appareceu ante os olhos do visitante. Telas, cavalletes, panoplias, armaduras...

Na mesa se viam os restos de um succulento jantar frio. Apoiada em uma garrafa, destacava-se uma folha de papel em que Edmundo havia escripto algumas linhas.

Marcelo Justin adeantou-se, apanhou a folha de papel, e leu:

Querida: Avisaste-me um pouco tarde que virias visitar-me. Tenho um compromisso inadiavel. Estou convidado para jantar em casa dos Dorant. Espera-me, e janta aqui. Deixo tudo preparado. Prometto-te regressar ás onze. Mil desculpas e mil beijos. — Edmundo".

P. S. — Deixo-te a chave sob o felpudo. Assim não terás que incommodar-te no caso de estares dormindo, quando eu chegar.

E em baixo dessas linhas se liam algumas palavras, escriptas a lapis por outra mão. Essas palavras diziam:

Muito obrigada pelo jantar. Parto. Devias ter-me esperado.

Marcelo Justin sorriu e olhou os restos do festim. Chamou-lhe a attenção uma casca de laranja tão correctamente descascada em espiral. As mãos da desconhecida eram de uma habilidade extraordinaria. Elle nunca poderia descascar uma laranja dessa maneira...

(Continúa na pag. seguinte)

"Pobre Edmundo!" — pensou Marcelo Justin, deixando cahir no prato a casca de laranja. "A pequena deu o fóra!... Que susto levará o meu amigo quando verificar que quem o esperava era eu, em logar da amada!... Mas... por que não pregar-lhe uma pilheria?... E' isso mesmo!... Magnifica idéa!"

E dez minutos depois a idéa havia sido posta em execução. A chave do appartamento voltou a occupar seu logar sob o felpudo. O sobretudo e o chapéo de Marcelo ficaram escondidos atraz de um biombo. E uma das varias armaduras que adornavam o *atelier* occultava o visitante.

Immovel, procurando manter bem direita a lança, Marcelo aguardava com impaciencia o regresso de Edmundo para levantar subitamente os braços e soltar um grito guerreiro. A pilheria consistiria nisso.

De dentro de sua armadura, Marcelo Justin via, á sua frente, outra armadura, rigida e immovel.

De repente, uma sensação de frio percorreu a espinha dorsal de Marcelo. Aquella armadura se... se movia?... Sim, sim!... Balançava-se!...

Marcelo olhou com maior attenção, receioso de que fosse a luz da lua que penetrava no *atelier* que produzisse a illusão do movimento. Mas não: a lança da outra armadura vacillava!...

Quem se mettêra naquelle traje de aço?

Um ladrão?... Não. Um ladrão não deixaria a chave sob o felpudo!

Edmundo?... Impossivel... A armadura era muito pequena para seu corpo.

Então?... Então... na armadura estava a dama mysteriosa! Sim: a amada de Edmundo tivéra a mesma idéa de Marcelo Justin! Escondêra-se para pregar tambem uma pilheria no pintor!

E agora?... Que pensava a dama vestida de aço? Por que permittira que Marcelo Justin complicasse as coisas mettendo-se em outra armadura?... E quem era a desconhecida?... Uma modelo?... Que graça devia causar-lhe

Uma casca de laranja

(*Conclusão*)

o ramo que tomava a pilheria!... E si não fosse uma modelo?... E si *fosse uma* dama aristocratica?... Tratar-se-ia, realmente, de uma mulher respeitavel, que fôra surprehendida pela campainha quando pretendia sahir do appartamento, e que, deante disso resolvêra occultar-se na armadura.

De qualquer maneira, a situação era divertida. Marcelo, enthusiasmado procurava uma solução engenhosa e espirituosa que puzesse termo á farça, quando o ruido da chave na fechadura lhe annunciou a chegada de Edmundo.

Accendeu-se a luz.

O pintor avançou, taciturno, percorreu com a vista o *atelier*, apparentemente deserto, leu as linhas escriptas a lapis em baixo de seu recado, suspirou, pensou um instante...

Vendo que a outra armadura não dava signaes de vida, Marcelo Justin riu com ar mephistophélico.

Edmundo sobresaltou-se. Mas, reagindo immediatamente, encarou a armadura, e disse:

— Marcelo: és um imbecil. Provado o facto de teres pretendido pregar-me uma pilheria dessa especie. Eu já o suspeitava. Vi teu automovel na porta, homem!

— Oh! — respondeu Marcelo. — Julgas-te muito esperto, Edmundo, mas não suspeitas siquer a segunda parte!...

E, inclinando-se, falou ao ouvido do pintor.

— Está ahi!... Na armadura pequena!... Não partiu...

— Hein?... Viste-a? — perguntou Edmundo, espantado.

— Não. Quando cheguei, ella já estava escondida...

— Bem — interrompeu-o o amigo. — Tira esses ferros de cima. Depressa, homem, depressa!... Lamento muito ter que te convidar a sahir daqui; mas... tu comprehenderás...

Marcelo, está claro, comprehendia. A mulher occulta na armadura não era uma vulgar modelo, mas uma dama ciosa de sua repartição. Seu dever, portanto, era retirar-se discretamente quanto antes.

E assim o fez, depois de pedir mil desculpas ao amigo.

Chegado á rua, vacillou. Que fazer? Para onde ir? Uma sessão de cinema? Uma excursão pelos *dancings*?...

Preferiu os *dancings*. Estava dançando tranquillamente, quando, de repente, se sentiu como que paralyzado por uma idéa terrivel. Deixou sua companheira no meio do salão, precipitou-se para a rua, sem retirar o sobretudo nem seu chapéo do guarda-roupa, entrou no *voiturette*, tocou o accelerador e, num minuto, chegou a sua casa.

Entrou como um furacão. Correu á alcova. A esposa estava ausente!

Pondo as mãos na cabeça, Marcelo deixou-se cahir no leito. Agora comprehendia a aventura em casa de Edmundo! Sua esposa, sua adorada esposa, era a mulher occulta na armadura. Marcelo se lembrára subitamente, no *dancing*, que sua mulher descascava as laranjas em espiraes perfeitas!

O DIREITO DO AMOR

De ORLANTINO LOREDO

(Cont. do numero anterior)

Rachel, ao ver o official, reconhece o seu amado e corre ao seu encontro, saltando-lhe ao pescoço.

— Hugo, meu querido, meu pae quer matar-me, entregando-me a um homem rico e nobre, que é seu amigo, apesar de saber que não o amo, que só amo a ti! Salva-me! Leva-me, comtigo, para longe daqui, para onde eu possa ficar ao abrigo dessa infamia que elle quer praticar... Fugirei comtigo agora mesmo; irei para onde me levares! Aqui é que não ficarei nem mais um minuto que seja...

Hugo não podia pronunciar palavra, pois Rachel, á proporção que fallava, nervosamente, segurava-o pela cabeça, procurando fixar os seus olhos, como a querer antecipar o que elle iria responder.

Não foi sem grande custo que elle poude apenas dizer-lhe:

— Eu te salvarei!

Com um gesto delicado, afastou-a e caminhou resoluto em direcção á escadaria, seguido de Rachel e Fernanda.

Já no alto, Hugo bateu palmas e, ante esse gesto, Rachel perguntou-lhe:

— Que vaes fazer?

— Salvar-te.

Com o ruido das palmas e o dialogo, o pae de Rachel, que se encontrava proximo á porta, ergueu-se e veiu ao encontro do grupo.

Ao defrontal-o, Hugo, resolutamente foi lhe dizendo:

— Meu caro sr., um assumpto gravissimo e urgente obriga-me a vir procural-o a esta hora. Desejo falar-lhe.

O magistrado, um tanto embaraçado, convidou-o a entrar e, antes mesmo que o inesperado visitante cumprimentasse as pessôas presentes, lembrou-lhe a conveniencia de passarem ao seu gabinete de trabalho.

— Obrigado — disse Hugo. — Falaremos aqui. O assumpto de que venho tratar é tão importante e urgente, que desejo seja o mais testemunhado possivel, tornando-o publico mesmo. Demais, as pessôas aqui presentes são pessôas amigas, ás quaes de algum modo póde interessar o que vou dizer. O sr. e sua familia sabem que eu e Rachel nos amamos, que temos a mais perfeita communhão de idéas e, assim sendo, assentamos nos casar... Ora, si isso é um facto sabido, que não padece a menor duvida, não se comprehende queira o sr., com a sua autoridade de pae, entregar sua filha a um seu amigo, a quem ella não ama, só pela ambição do dinheiro e da nobreza!...

— Lembro-lhe que o sr. está falando a um magistrado que quer manchar a sua toga, praticando um crime...

— Senhor! Si insistir, serei forçado a mandar que um dos meus creados lhe indique a porta de sahida...

— Si o fizer, expulsará de sua casa duas pessôas...

— ?...

— Eu e sua filha. Rachel está disposta a abandonar esta casa em minha companhia. E', portanto, prudente não precipitar os acontecimentos... Mandam o bom senso e o decôro do seu cargo de magistrado agir sem odios, sem paixão e sem ambição.

— O sr. arroga-se o direito de me ensinar comesinhos principios de sociedade e de bom senso?...

(Continúa na pag. seguinte)

Meu joven tenente, afinal o sr. o que deseja de mim, de nós?...

— Apenas garantir-lhe que Rachel será minha esposa, consinta ou não o sr. na nossa união...

— Qual o direito em que se estriba o meu joven amigo para uma affirmativa tão ousada?

— O direito do amôr, que é mais forte que o da razão, que o da lógica e o da autoridade paterna. O direito do amôr, contra o qual se esborôam todas as tyrannias, todas as violencias, mesmo a violencia da Lei...

— O sr. ultrapassa as normas da tolerancia e eu não devo ouvil-o mais. Vae retirar-se, levando, porém, comsigo, a certeza de que Rachel não será sua esposa, sob

O DIREITO DO AMOR

(CONTINUAÇÃO)

hypothese alguma. Emquanto eu conservar um átomo de vida, tudo farei, lançarei mão de todos os meios que me conferem á minha autoridade paterna, para impedir que a sua ameaça se concretize num acto que eu classificarei de infeliz, para minha filha e para todos os nossos. Depois do que acabo de dizer, creio que o sr. dará por terminada a sua missão, sabendo o que lhe resta fazer...

— Deixar esta casa, levando commigo o motivo unico da minha felicidade: Rachel!...

— Minha filha não o seguirá. Tenho confiança bastante no seu critério, para não julgál-a capaz de uma acção tão vergonhosa.

— Meu pae, eu acompanharei Hugo, incondicionalmente. Sahiremos os dois, uma vez que a tua prepotencia a tanto nos obriga...

— Minha filha, si tal fizeres, a minha maldição será implacavel e eterna.

— Em compensação, meu pae, eu tenho a certeza do amôr de Hugo, da pureza do seu affecto, para amenizar a tua maldição injusta... Sahiremos os dois e... já!...

— Perdão! — disse o conde Boris, que se havia aproximado do grupo formado por Hugo, Rachel e seu pae. — Sahiremos os tres...

SACRIFICIO INUTIL

«E não esqueças que me tiveste a teus pés — dizia a carta, — sem me lembrar de meu orgulho de homem, de tudo o que não fosse tu.»

Laura amassou nervosamente o papel.

Immovel deante do espelho, mirava-se com odio. Seus olhos, de um gris apaixonado, mergulhavam obstinados no crystal.

Teria que ir. Viajar outra vez sem prazer e sem desejos. Desde que se divorciára, não fizéra outra coisa sinão viajar. Era a dama elegante e mysteriosa dos expressos e hoteis de luxo.

Em sua cidade natal, bem recebida por Mathilde, sua única irmã, casada e mãe de uma encantadora criança, suppoz achar um remanso para sua fadiga, para seu fastio, que ninguem adivinhava.

Mas não poude ser. Jorge Sanabia, seu cunhado, se apaixonou por ella como um louco.

A principio, existiu entre elles uma camaradagem ruidosa e confiada, que em Jorge se transformou subitamente em arrebatadora paixão.

Imprudente, ciumento, exasperado pela repulsa indignada de Laura, sua perseguição continuou. Dava-lhe a entender seu amor com cartas apaixonadas, com olhares incendiarios, ou com palavras audaciosas, mal ficavam sós. Chegou até a seguil-a quando sahia á rua, e a escutar suas palestras telephonicas.

Laura se desesperava. Não tinha certeza de que sua irmã não suspeitara alguma coisa. Sem outra familia além dessa, para onde ir sem despertar desconfiança, sem evitar o commentario e o escandalo? Disse, uma vez, a Jorge, que si elle não abandonasse as suas pretenções, seria obrigada a partir.

— Si fores embora, eu me matarei — foi a resposta.

E ella temia por sua irmã, pelo filho, por esse lar que fizera desgraçado sem querer.

Procurou convencer Jorge que não era amor o que elle sentia por ella, mas um capricho. Fez-lhe ver como era bonita e bôa sua mulher, a mãe de seu pequeno Jayme, e quanto o amava.

Inútil.

— Tu és a mulher que eu sonhei, o amor que não conheci. Até que chegaste, não passei de um topo de bibliotheca. Agora sinto que, com teu amor, que serviria de palanque a meu espirito, eu chegaria á gloria, á fama.

Tal era a sua cantilena. E Laura respondêra-lhe com amargura, com pena de sua irmã, que não sabia retêl-o.

— Sim, nós as mulheres somos o amor dos homens, emquanto formos a illusão, o desconhecido.

Machinalmente, começou a pentear-se.

CONTRASTE

Felicidade? Sim... Felicidade...
E a gente pensa mesmo ser feliz.
Vêm o riso, a alegria, e o mundo diz
Que no mundo não medra a falsidade!

Depois... O mesmo ambiente. A bissectriz
Da vida cória, apenas, rumo e idade.
Vêm males e afflicções... Ninguem prediz
A comprehensão da immutabilidade.

E' que o Destino, louco, as azas solta...
— Eu tambem, que vivi num sonho lindo,
Hoje sou triste... Tudo me revolta!

Felicidade? Não... Mentira! Quando?
Pois esta casa que me viu sorrindo
E a mesma casa que me vê chorando!

BRIGIDO TINOCO

Eu tambem deixo esta casa, solidaria que sou com ella, e com o seu amado. Dr., sob a sua toga de magistrado, pulsa um coração de tyranno...

— Sr. conde; o tenente se arrogou o direito de me affrontar, desafiando-me, escudado no amôr que diz por minha filha e, tambem, pela ignorancia do respeito devido a um magistrado... O sr., entretanto, em que se escuda para tambem tratar-me de um modo que muito compromette a sua posição social, a sua nobreza e a sua cultura?

— Escudo-me na revolta que me causa a sua tyrannia, fructo da sua ambição desmedida pelo dinheiro... que o sr. diz ter um poder infinitamente grande, capaz até de realizar o impossivel. Escudo-me na pureza do amôr destes dois jovens, amôr que o sr. quer prostituir com o meu dinheiro... Escudo-me ainda na minha franqueza, que me permitte a coragem das attitudes como esta...

— O sr. viu-se repudiado por minha filha, e, habilmente, de plano, assumiu essa attitude sympathica que não é, não póde ser sincera. O sr. é um farçante.

— Basta, sr!... Lembro-lhe que ha senhoras aqui presentes, que não podem nem devem ser testemunhas de um espectaculo tão triste como o que o sr. está dando. Já me defini e, assim nada mais me resta a fazer nesta casa. Minhas senhoras, bôas-noites!...

A' medida que a discussão augmentava, o pae de Rachel se foi sentindo mal: a sua physionomia alterada, olhos injectados, narinas dilatadas, respiração quasi offegante davam-lhe ao rosto um aspecto de molde a impressionar.

— Meu pae, uma vez que a tua resolução é inabalavel, só me resta deixar esta casa, levando a certeza de tua tyrannia, de teu desamor pela tua filha. Adeus!

— Rachel, não partas... não abandone assim os teus paes... minha filha, fi...

Não poude concluir a phrase, pois tombara pesadamente ao sólo. Uma apoplexia tinha-o fulminado.

De Adelina Ethel Kurlat

Partir? Talvez indo embora, tornasse ainda mais infeliz sua irmã. Jorge não queria á esposa. Mas ella, por sua vez, não podia querel-o. Elle era o marido de sua irmã. Podia amar a qualquer outro, menos a elle. Falar-lhe de amor! Si já estava cansada da palavra inútil antes de divorciar-se, e se fartou, depois, em novas provas desalentadoras!

Não faria qualquer coisa para evitar um irremediavel desastre.

* * *

PELO tranquillo caminho, o cavallo vae a passo.

Entre as arvores, cobertas ainda de verdor, havia uma toda cheia do ouro outomnal.

Um violaceo raio de entardecer riscava o céo. Quantas coisas se amontoavam dentro de Laura, nesse momento! Mas eram coisas que uma mulher jamais confessa.

Como uma solução ao angustioso problema, Laura se compromettêra com Luis Maria Mendoza. Faltava apenas uma semana para o casamento, que se realizaria em Montevidéo. Não haviam participado a ninguem. Assim o quizéra ella.

* * *

COMO a vida lhe parecia má, nessas horas! Desejaria chamar Luis Maria e dizer-lhe: «Perdôa-me, si pódes. Não quero enganar-te. Não posso casar-me comtigo. Nada tenho para ti. Nem amor, nem ternura, nem desejos. Estou cheia de recordações que nunca me deixarão. Ha, em minha existencia, tantas caras, tantos nomes, tantas decepções! Até minha alma fugiu de mim. Si nos casassemos, seriamos depressa infelizes, separados hostilmente pelo meu passado".

Mas, que importavam ella, elle? O essencial era que não soffresse Mathilde, creatura indefensa e simples, para quem não havia nada no mundo fóra de seu marido, de seu filho.

* * *

JUNTO ao caixão onde Jorge com a fronte coberta para que não se visse a horrivel ferida da bala, os olhos de um gris apaixonado se encontraram um instante com os desolados olhos negros de Mathilde, e foi tal a chamma de ódio que fulgurou nelles, que Laura retrocedeu, espantada. Sua irmã sabia a verdade. E, tremula, sem uma palavra, apoiada no braço do marido, a quem não queria e com quem se casára só para oppôr um dique aos sentimentos desse homem, que, por causa della, havia transposto, agora, as portas da eternidade, sahiu com a cabeça baixa, como uma ladrona, daquella casa aonde nunca mais voltaria, levando seu sacrificio que a fatalidade tornára inútil, pois nem Jorge pudéra resignar-se nem Mathilde salvar sua felicidade ameaçada.

ULTIMO ADEUS

Paremos um momento. E' dolorosa
E amarga esta pungente Hora da vida...
Minh'alma geme, ó angustia tormentosa,
Num abysmo de lagrimas... ferida!

A dôr profunda, immensa, tenebrosa,
Que me tortura o espirito, querida,
Despetalando goivos, silenciosa,
Contempla mais uma illusão perdida!

Adeus, pois! Evoquemos as canções —
Risos e sonhos — sombras redivivas...
E, já que estamos do Destino ás portas,

Envolvamos os nossos corações
Num lenço feito de saudades vivas
E de farrapos de esperanças mortas!

WAGNER MONTALVÃO

Os projectos do submarino "Bruce-Partington"

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Eis a pergunta, á qual teremos de encontrar resposta. Existe um unico meio possivel. Sabe bem que o Metropolitano segue fóra dos tunneis em certo ponto no West-End. Ora eu tenho uma grave recordação de ter visto, ás vezes quando nelle tenho viajado, janellas logo por cima da minha cabeça. Supponhamos que um trem parasse debaixo de uma dessas janellas, haveria qualquer difficuldade em corpo no tejadilho?

— Parece-me muito pouco provavel.

— Temos que nos contentar com o velho axioma: "quando falham todas as probabilidades, o que resta, por muito improvavel que seja, deve ser a verdade". Neste caso falharam effectivamente todas as probabilidades. Quando descobri que o mais importante agente internacional, que partira a pouco de Londres, habitava no quarteirão de casas, que dá sobre o Metropolitano, fiquei tão satisfeito, que você ficou um pouco surprehendido com a minha repentina alegria.

— Ah! então foi por isso?

— Sim, foi por isso. O sr. Hugo Oberstein, n. 13, Gaulfield Gardens, tornou-se o meu objectivo. Encetei operações na estação de Gloucester Road, onde um empregado muito util me acompanhou pela linha fóra, e não só me deixou verificar que as janellas das escadas trazeiras das casas de Gaulfield Gardens, abrem sobre a linha, como tambem — o que é facto bem mais imporatnte — devido a intersecção de uma das linhas principaes, os comboios Metropolitanos ficam, ás vezes, parados durante alguns minutos, exactamente nesse logar.

— Admiravel, Holmes! admiravel! Você acertou.

— Até aqui, só até aqui, meu caro amigo. O fim ainda está longe. Ora, tendo visto as trazeiras de Gaulfield Gardens, visitei a frente, certificando-me que o passaro levantara o vôo. E' uma casa bastante grande e, segundo o que pude ver, desmobiliada no andar superior. Oberstein vivia ali só, com um creado, que provavelmente era cumplice de toda a confiança. E' necessario recordarmo-nos de que Oberstein partiu para o estrangeiro para desfazer-se do seu espolio, mas sem idéa de fuga. Não havia razão para recear um mandado de prisão e com certeza uma visita domiciliaria por amadores nunca lhe passou pela cabeça. E' comtudo, precisamente o que vamos fazer.

— Não seria possivel aranjar-se um mandado de policia para legalisar a visita?

— Não é facil, com os elementos que temos.

— Mas o que ha a esperar dessa visita?

— Não podemos dizer a correspondencia que pode lá existir.

— Não gosto da idéa, Holmes.

— Meu caro amigo, você ficará de vigia na rua. Eu me encarregarei da parte criminosa. Não é occasião para recuar diante de ninharias. Lembre-se da carta de Mycroft, do Almirantado, do Governo e da excelsa personagem que espera as nossas noticias. Somos forçados a ir.

A minha resposta foi levantar-me da mesa.

— Tem razão, meu caro Holmes, somos forçados a ir.

Poz-se de pé em um salto e apertou-me a mão.

— Sabia bem que você não recuaria á ultima hora, disse elle.

E durante um momento vi transparecer-lhe no olhar alguma coisa, tão proxima da ternura, como nunca até ali lhe vira. Momentos depois voltava á sua personalidade dominadora e positiva.

— E' quasi meia milha de distancia d'aqui; mas não ha pressa. Vamos a pé, disse elle. Peço-lhe que não deixe cahir a ferramenta. A sua prisão como pessoa suspeita, seria uma deploravel complicação.

Gaufield Gardens é um desses quarteirões de casas, de fachadas sem relevo e com peristylos e columnas, constituindo tão evidente producto da época Victoriana, naquelle bairro de Londres.

Na casa ao lado parecia haver uma festa de creanças, ouvindo-se o alegre sussurro de vozes juvenis e o som de um piano no silencio da noite.

O nevoeiro continuava, occultando-nos nas suas sombras amigas. Sherlock accendera a lanterna, atirando a luz sobre a porta massiça.

— Eis um problema serio, disse elle. Está sem duvida tão trancada como fechada á chave. Seria melhor tentarmos entrar pela porta de serviço, no porão, logar excellente para o caso de apparecer qualquer zeloso e inopportuno policia. Dê-me a mão, Watson, que eu depois lhe farei outro tanto.

Instantes depois, estavamos ambos no subterraneo. Mal chegamos á escuridão, ouviram-se através do nevoeiro os passos de um policia, lá em cima. Emquanto morria na distancia esse ruido cadenciado, Holmes começou o seu trabalho na porta de baixo. Vi-o debruçar-se e fazer esforços até que a porta cedeu de repente, com um ruido secco.

Corremos rapidamente para dentro, fechando-a sobre nós. Holmes precedeu-me pela escada de caracol

sem tapete. O pequeno circulo amarello da luz da lanterna illuminou uma janella baixa.

— Chegamos, Watson — deve ser esta. Abriu-a de par em par e ouviu-se n'esse momento um sussurro baixo e aspero, que a pouco e pouco se transformou em forte ruido, na rapida passagem por nós de um comboio, atravessando as trévas. Holmes atirou a luz sobre o parapeito da janella.

Tinha uma grossa camada de fuligem das machinas, que passavam ali; mas a superficie negra achava-se manchada e desapparecia em certos pontos.

— Póde-se vêr onde se descançou o corpo. Olá, Watson! O que é isto? Não ha duvida, é uma mancha de sangue! Apontou para umas nodoas claras na madeira da janella. Aqui ha mais, na pedra das escadas. A demonstração está completa. Fiquemos aqui até parar um comboio.

Não tivemos de esperar muito tempo. O primeiro que apitou como o antecedente, no tunnel, foi diminuindo de velocidade ao sahir d'elle; depois, com um ranger de ferros, estacou logo por baixo de nós. Não havia quatro pés de distancia entre a janella e os tejadilhos do comboio.

Holmes fechou de vagar a janella.

— Até aqui tudo nos dá razão, disse elle. Que pensa do caso, Watson?

— Um primor! Nunca você attingiu maior altura.

— N'esse ponto não posso concordar comsigo. Desde o momento em que eu tive a idéa do corpo ter sido posto sobre o tejadilho — o que não era difficil de ter — o resto era inevitavel. Se não fossem os graves interesses em jogo, o caso, até esse ponto, seria insignificante. As nossas difficuldades, havemos de encontral-as ainda no futuro. Mas talvez aqui deparemos com alguma coisa que nos possa auxiliar.

Tinhamos subido pela escada da cosinha e entrado nos aposentos do primeiro andar. Um era a sala de jantar, severamente mobiliada, nada contendo de interesse. O segundo era um quarto de cama, que tambem nos "sahiu branco". Aquelle que faltava manifestou-se mais promettedor e o meu companheiro dispoz-se para uma systematica busca.

Havia livros e papeis espalhados por toda a parte; o quarto tinha servido evidentemente de escriptorio. Holmes revolveu, com rapidez e methodo, gaveta após gaveta, armario após armario, mas nenhuma centelha de exito lhe illuminou a face austéra. Ao fim de uma hora, não adiantaramos mais do que no começo.

— O cão matreiro disfarçou o rasto, disse elle. Nada deixou que o podesse accusar. A correspondencia perigosa foi destruida ou levada. Isto é agora a ultima esperança que nos resta.

Era um pequeno cofre de latão, que se encontrava na secretaria. Holmes forçou-o com o escopro. Dentro estavam varios rolos de papel, cobertos de algarismos e calculos, sem a menor nota que indicasse referencia. A's palavras repetidas "pressão d'agua" e "pressão por pollegada quadrada" suggeria a idéa de que podessem referir-se a um submarino. Holmes atirou com tudo para o lado com impaciencia. Restava apenas um subscripto, contendo pequenos bocados em enveloppes, cortados de jornaes. Sacudiu-os todos sobre a mesa e conclui logo pela sua expressão avida, que se avivavam as suas esperanças.

— O que é isto Watson? Hein? O que é isto? A collecção de uma série de correspondencias por meio de annuncios em um jornal! Pelo papel e pelo typo,

(Cont. na pag. seguinte).

devem ser do *Daily Telegraph*, columna da correspondencia particular, ao canto do lado direito da pagina. Não tem datas, mas as correspondencias classificam-se por si proprias. Esta deve ser a primeira: "Esperava noticias mais cedo. Condições acceitas. Escreva desenvolvidamente para a direcção do bilhete — *Pierrot*".

A seguir temos: "Muito complicado para simples descripção. E' necessario relatorio completo. O material espera-o quando entregar a mercadoria — *Pierrot*".

Depois: "Negocio urge. Terei retirar offerta se completar contracto. Marque entrevista por carta. Confirmarei por annuncio — *Pierrot*".

Finalmente: "Segunda-feira á noite depois das nove. Duas leves pancadas. Só nós. Não tenha desconfianças. Pagamento em metal sonante quando entregar mercadoria — *Pierrot*".

— Um relatorio relativamente completo, meu amigo! Se pudessemos ao menos tocar o homem que está do outro lado!

Conservou-se sentado, absorto em pensamentos, batendo levemente com os dedos na mesa. Afinal, poz-se de repente em pé.

— Bem, afinal de contas, talvez não seja tão difficil como parece! Nada mais temos a fazer aqui, meu amigo. Não seria mau passarmos pela redacção do *Daily Telegraph*, dando assim um bom termo a um bom dia de trabalho.

* * *

Mycroft Holmes e Lestrade tinham vindo por convite no dia seguinte, depois do almoço, e Sherlock Holmes havia-lhes relatado as pesquizas do dia antecedente. O agente profissional abanou a cabeça, ouvindo o nosso roubo confesso.

— No remigen policial não podemos fazer coisas d'essas, sr. Holmes, disse elle. Não admira assim obterem melhores resultados do que nós. Mas qualquer dia irão mais longe, e o senhor e o seu amigo poderão encontrar-se em difficuldades.

— Pela Inglaterra, pelo Lar e pela Belleza, hein, Watson? Martyres do altar da Patria. E o que pensas tu de tudo isto, Mycroft?

— Excellente, Sherlock! Admiravel! Mas, que imaginas tu fazer de tudo isto?

Holmes pegou no *Daily Telegraph*, que se achava sobre a mesa.

— Já viste o annuncio de hoje de *Pierrot*?

— O que! outro?

— Sim; ouve: "Esta noite á mesma hora. Duas pancadas leves. Depende d'isso a sua segurança — *Pierrot*".

— Bello! exclamou Lestrade. Se elle responder, temol-o na mão!

— Foi essa a minha idéa quando fiz publicar o annuncio. Está me parecendo que, podendo ambos, sem incommodo, acompanhar-nos a Gaulfield Gardens ás oito da noite, será possivel aproximarmo-nos de uma solução.

.. ..

Uma das mais caracteristicas qualidades de Sherlock Holmes, era a faculdade de affastar o raciocinio, voltando todos os seus pensamentos para assumptos mais ligeiros, quando se convencia de não poder continuar a trabalhar com vantagem. Recordo-me que, nesse dia memoravel, esteve absorto em uma monographia que encetára, sobre os Motetes Polyphonicos de Lassus. Emquanto a mim, não possuindo essa faculdade de separação, o dia pareceu-me interminavel. A grande importancia nacional do resultado, a anciedade que reinava nas altas espheras, a natureza directa da experiencia que iamos tentar, tudo isto se combinava para me irritar os nervos.

Foi para mim um grande allivio quando, findo um ligeiro jantar, partimos para a nossa expedição. Lestrade e Mycroft, encontraram-nos, conforme prévia combinação, perto da estação de Gloucester Road. Deixáramos aberta, na noite antecedente, a porta de serviço, e como Mycroft Holmes se recusasse, com firmeza e indignação, a saltar as grades, tornou-se necessario fazel-o, indo em seguida abrir a porta de entrada. A's nove horas encontravamo-nos todos sentados no escripotrio, esperando, com paciencia, o nosso homem.

Passou-se uma hora e depois outra. Quando deram as onze badaladas, o bater cadenciado do grande sino da egreja, pareceu-nos tocar o "Requiem" das nossas esperanças. Lestrade e Mycroft agitavam-se nas suas cadeiras, olhando duas vezes por minuto, para os relogios. Holmes conservava-se silencioso e sereno, com os olhos semi-cerrados, mas tendo todos os sentidos alerta. Levantou a cabeça com subito e brusco movimento.

— Vem ahi, disse elle.

Ouviram-se passos furtivos, em frente da porta; voltaram novamente. Sentiram-se movimentos e logo duas pancadas leves e seccas na porta. Holmes levantou-se, fazendo-nos signal para ficarmos sentados. O gaz na entrada estava reduzido a um simples ponto de luz. Abriu a porta e depois de passar furtivamente por elle um vulto negro, cerrou-a, fechando-a

á chave. "Por este lado", ouvimol-o dizer, e um momento depois o nosso homem estava em frente de nós. Holmes seguira-o de perto e quando o homem se voltou com um grito de surpreza e de susto, agarrou-o pela golla, atirando com elle para o meio do quarto.

Antes que o nosso prisioneiro recuperasse o equilibrio, a porta foi fechada, encostando-se Holmes a ella. O homem deitou em volta um olhar desvairado, cambaleou e cahiu sem sentidos no chão. Com a queda, saltou-lhe da cabeça o chapéo de abas largas e a manta escorregou-lhe da bocca, deixando-nos ver a longa barba loura e as bellas feições, suaves e delicadas, do coronel Valentim Walter.

Holmes soltou um assobio de surpreza.

— Desta vez pode inscrever-me como sendo um asno, meu amigo, disse elle. Não era este o passaro que eu esperava.

— Quem é elle? perguntou Mycroft, com anciedade.

— O irmão mais novo de Sir James, chefe da Repartição dos Submarinos. Sim, sim, agora vejo como foram dadas as cartas! Vae voltar a si. Parece-me melhor deixar-me o interrogatorio.

Deitaramos o corpo inanimado no sophá. Nesse momento o nosso prisioneiro sentou-se, olhando em volta com expressão de terror e passando a mão pela testa como se não podesse acreditar nos seus proprios sentidos.

— O que é isto? perguntou elle. Eu vinha aqui visitar o sr. Oberstein.

— Sabe-se tudo, coronel Walter, disse Holmes. Que um inglez se portasse d'esta forma, é para mim incomprehensivel; todavia, conhecemos a sua correspondencia e as suas relações com Oberstein. Sabemos tambem as circumstancias referentes á morte de Cadogan West. Permitta-me aconselhar-lhe que tenha, pelo menos, o pequeno merito do arrependimento e da confissão, visto restarem ainda pormenores que só poderemos ouvir da sua bocca.

O homem soltou um gemido e occultou o rosto nas mãos. Esperamos; porém elle ficou silencioso.

— Posso affirmar-lhe, continuou Holmes, que nos são conhecidos todos os pontos mais importantes. Sabemos que tinha falta de dinheiro, que tirou um molde das chaves que estavam em poder de seu irmão, que encetou uma correspondencia com Oberstein, respondendo elle ás suas cartas nos annuncios do *Daily Telegraph*. Temos conhecimento da sua ida ao escriptorio, através do nevoeiro, na segunda feira á noite, sendo visto e seguido pelo rapaz, Cadogan, o qual tinha provavelmente motivos anteriores para suspeitar do senhor. Elle presenciou o roubo; porem não podia dar o alarme, porque admittiu a possibilidade dos papeis serem levados para Londres, para seu irmão. Deixou todos os seus afazeres pessoaes, como bom cidadão que era, e seguiu-o de perto pelo nevoeiro, não o largando até chegar a esta casa, onde nos encontramos. Então, interveiu no assumpto e foi nesse momento, coronel Walter, que o senhor á traição juntou ainda mais o terrivel crime do assassinio.

— Não, não! Perante Deus, juro que não fiz isso! exclamou o nosso misero prisioneiro.

— Diga-nos, pois, como foi que Cadogan encontrou a morte, antes de o terem collocado nos tejadilhos de um combolo.

— Direi tudo, juro-lhes que direi tudo. Fiz o resto. Confesso. Foi exactamente como disseram. Uma letra tinha de ser paga. Precisava muito de dinheiro. Oberstein offereceu-me cinco mil libras. Era para me salvar da ruina. Mas, emquanto ao assassinato, sou tão innocente como o senhor.

— Então o que aconteceu?

— Cadogan já suspeitava de mim e seguiu-me, como disse. Não o percebi senão quando cheguei deante da porta. O nevoeiro era denso, não se via a trez jardas de distancia. Já tinha dado duas pancadas e Oberstein viera abrir a porta. O rapaz precipitou-se para nós, exigindo saber que destino iamos dar aos papeis.

Oberstein trazia comsigo um casse-tête. Trazia-o sempre. Como Cadogan forçasse caminho para dentro de casa, atraz de nós, Oberstein vibrou-lhe uma pancada na cabeça. Esse golpe foi fatal. Morreu dentro de cinco minutos. Alli esteve elle, jazendo na entrada, e nós desorientados, sem sabermos o que fazer delle. Então, Oberstein teve a idéa dos comboios que param debaixo das janellas trazeiras; mas em primeiro logar examinou os papeis que eu trouxera.

Disse-me que trez eram essenciaes e ficava com elles. — "Não pode ficar com elles, exclamei eu. Dar-se-á uma infernal balburdia se não forem devolvidos para Woolwich." — "Tenho que ficar com elles, respondeu Oberstein, porque são de tal fórma technicos, que é impossivel em tão curto tempo tirar-lhes a copia." — "Têm de ser todos devolvidos esta noite", disse eu. Reflectiu por instantes e depois exclamou: — "Já sei! Guardarei os trez e metto os restantes na algibeira deste rapaz; quando fôr encontrado toda a culpa do negocio será atirada sobre

(*Cont. na pag. seguinte*).

elle." Não vi outro processo; assim, fizemos o que elle havia suggerido. Estivemos á janella meia hora, esperando que um comboio parasse. A escuridão era tão densa, que não tivemos a menor difficuldade em descer o corpo até ao comboio. Esse foi o fim do caso, na parte que me diz respeito.

— E seu irmão?

— Nada disse; mas, tendo-me apanhado uma vez com as chaves, creio que desconfiou. Li no seu olhar essas suspeitas. Como sabem, nunca mais levantou a cabeça.

Fez-se silencio na sala. Foi quebrado por Mycroft Holmes:

— Não pode reparar o erro? Socegaria a sua consciencia e talvez minorasse o seu castigo.

— Que reparação posso eu offerecer?

— Onde está Oberstein com os papeis?

— Não sei.

— Não lhe deu direcção?

— Disse-me que cartas dirigidas para o Hotel do Louvre, em Paris, tarde ou cedo lhe chegariam ás mãos.

— N'esse caso, tem ainda em seu poder a reparação, disse Sherlock Holmes.

— Farei tudo quanto puder. Não tenho por esse sujeito boa vontade. Foi elle a causa da minha ruina e da minha desgraça.

— Aqui tem penna e papel. Sente-se a esta cadeira e escreva o que lhe vou dictar. Escreva no sobrescripto a direcção dada. Está bem. Agora, á carta. — "Meu caro senhor. Acerca da nossa transacção, já deve ter comprehendido, a esta hora, que lhe falta um elemento essencial. Tenho um decalque que o completará, e que me custou um trabalho extraordinario; devo, pois, pedir-lhe um novo adiantamento de cinco mil libras. Não confiarei no correio, nem o receberei a não ser em notas ou em ouro. Poderia ir ao estrangeiro; mas excitaria reparos a minha sahida do paiz nesta occasião. Portanto espero encontral-o na sala de fumar de Charing-Cross Hotel no sabbado, ao meio-dia. Lembre-se que só serão acceitas notas ou dinheiro inglez."

— Está bem assim. Ou muito me engano ou o homem cáe-nos nas mãos.

. . . .

E cahiu! E' um facto historico — dessa historia secreta de uma nação, que é tantas vezes mais particular e interessante do que as Chronicas Publicas — que Oberstein, ancioso por completar o maior successo da sua vida, cahiu na emboscada, sendo engaiolado com segurança, durante quinze annos, em uma prisão britannica.

Na sua mala foram encontrados os famosos projectos do "Bruce-Partington", que elle puzera em leilão em todos os mercados navaes da Europa.

O coronel Walter morreu na cadeia, no fim do segundo anno da sua pena.

Emquanto a Holmes, voltou todo fresco para a sua monographia sobre os Motetes Polyphonicos de Lassus, a qual foi depois impressa, para circulação particular, sendo, na opinião dos entendidos, a ultima palavra sobre o assumpto.

Semanas depois, eu fui informado que o meu amigo tinha passado um dia no Palacio Real de Windsor, de onde voltou com um alfinete de gravata de esmeraldas, de notavel belleza.

Quando lhe perguntei se o tinha comprado, respondeu-me que fôra presente de uma excelsa senhora a quem elle tivera um dia o feliz ensejo de prestar um pequeno serviço. Nada mais disse; eu, porém, imagino que poderia adivinhar o augusto nome dessa personagem, e tenho poucas duvidas em que o alfinete de esmeraldas, trará sempre á memoria do meu amigo, a aventura dos projectos do "Bruce-Partington".

F I M

No proximo numero, do mesmo autor:

O A L E I J A D O

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THEODORO

Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 31, 33, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

ATKINSON

E' A PERFUMARIA

DA

ALTA SOCIEDADE

ROYAL BRIAR

A SERIE DE OURO DAS PESSOAS ELEGANTES

ROYAL BRIAR — Loção

ROYAL BRIAR — Agua de Colonia

ROYAL BRIAR — Brilhantina

ROYAL BRIAR — Sabonete

ROYAL BRIAR — Pó de arroz

ROYAL BRIAR — Bandolina

ROYAL BRIAR — Perfume

A' VENDA EM TODO O BRASIL